

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Comunicação Social - Habilitado em Jornalismo

Alexsandra Dias da Silva

**Jornalismo investigativo no livro: “Celso Daniel, política,
corrupção e morte no coração do PT”**

São Paulo

2018

Alexsandra Dias da Silva

**Jornalismo investigativo no livro: “Celso Daniel, política,
corrupção e morte no coração do PT”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Jornalismo da Universidade de Santo
Amaro – UNISA, como requisito parcial para
obtenção do título bacharel em Jornalismo.

Orientador (a): Prof.^a Deise da Roza Oliveira

São Paulo

2018

Alexsandra Dias da Silva

**Jornalismo investigativo no livro: “Celso Daniel, política,
corrupção e morte no coração do PT”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social da
Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título
Bacharel em Jornalismo Orientador: Prof.^a Deise Rosa

São Paulo.....de..... de 2018

Banca Examinadora

Prof.....

Prof.....

Prof.....

Conceito Final: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por conceder, força, sabedoria, e a vida, por me capacitar para fazer este trabalho. Deus é tudo para mim.

Quero agradecer a todos que de alguma forma pequena ou grande me ajudaram nessa caminhada para realização do trabalho de conclusão do curso, mesmo que com uma frase para me motivar. Mas tem algumas pessoas especiais que não posso deixar de citar seus nomes.

Agradeço a minha mãe dona Adalgiza Dias que sempre me incentivou a estudar, ler livros e concluir este curso. Agradeço a também ao meu pai Josivaldo e meus irmãos Bruno e Jair por compreender os motivos das minhas ausências em casa nos dias de feriados, folgas e até aniversário para ficar estudando.

Eu também agradeço a minha família da igreja, aquelas que Deus colocou no meu caminho para me ajudar, em especial uma grande amiga e irmã pastora Eliana Matos que me incentivou a não desanimar e não desistir e sempre disse: “você não esta sozinha”, muito obrigada por isso.

E não posso deixar de agradecer a minha orientadora Prof.^a Deise Rosa pela paciência e por me ajudar em cada correção.

“Isso é investigação em cima de política e não investigação de polícia, não basta só dizer quem matou, mas era também tentar compreender o Celso Daniel, quem são as pessoas que o-cercavam e como era a política naquela época”.

Silvio Navarro

RESUMO

Este trabalho demonstrou uma análise comparativa no uso das técnicas do jornalismo investigativo sobre o livro “Celso Daniel: política, corrupção e morte no coração do PT” e também sobre a reportagem do jornal Folha de São Paulo “Celso Daniel: 10 anos sem solução”. A pesquisa para elaboração deste, tem suas bases bibliográficas em entrevistas. Com a intenção de trazer à luz, qual a profundidade do jornalismo de investigação, nas reportagens convencionais e nos livros jornalísticos. O trabalho árduo do jornalista em toda execução, para fazer um livro-reportagem destaca o termo jornalismo investigativo, que hoje, não é tão somente para desvendar relatos, é também para contar fatos, apresentar pesquisas e documentos autênticos, confirmar fontes, entre outras coisas, de maneira que venha contribuir para o conhecimento de toda uma verdade pela sociedade. E por fim, o comparativo vislumbrou que: as técnicas de jornalismo investigativo é mais abrangente e profundo na construção do livro-reportagem do que na reportagem do jornal convencional.

Palavras-chaves: Jornalismo investigativo, Celso Daniel, Livro reportagem, Técnicas do Jornalismo investigativo.

ABSTRACT

This work demonstrated a comparative analysis in the use of the investigative journalism techniques on the book "Celso Daniel: politics, corruption and death in the heart of the PT" and also on the report of the Folha de São Paulo newspaper "Celso Daniel: 10 years without solution". The research to elaborate this one, has its bibliographic bases in interviews. With the intention of bringing to light, how deep the investigative journalism, the conventional reports and the journalistic books. The hard work of the journalist in every execution, to make a book-report highlights the term investigative journalism, which today is not only to unveil reports, it is also to tell facts, submit research and authentic documents, confirm sources, among other things, so that it contributes to the knowledge of a whole truth by society. And finally, the comparative glimpsed that: investigative journalism techniques are more comprehensive and in-depth in the construction of the book-report than in the report of the conventional newspaper.

Keywords: Investigative journalism, Celso Daniel, Book reportage, Techniques of investigative journalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONCEITOS E TÉCNICAS DO JORNALISMO	11
3 JORNALISMO INVESTIGATIVO	17
3.1 Jornalismo investigativo no mundo.....	21
3.2 Jornalismo investigativo na era digital e vazamento de Informações ...	22
3.3 Jornalismo investigativo no Brasil.....	28
3.3.1 Jornalismo de dados	29
3.3.2 Lei de acesso à informação.....	31
3.4 Livro - reportagem	36
4 ANÁLISE	40
4.1 Análise do livro- reportagem “Celso Daniel política, corrupção e morte no coração do PT”	42
4.1.2 Análise comparativa reportagem “Celso Daniel faz 10 sem solução” com o livro- reportagem.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	66
APÊNDICE1 Entrevista com Silvio Navarro	69
APÊNDICE 2 Entrevista com Tiago Mali	82
APÊNDICE 3 Entrevista com Marina Atoji	96

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é o jornalismo investigativo na obra do Jornalista Sílvio Navarro em “Celso Daniel - política, corrupção e morte no coração do PT”, através de uma análise comparativa com a reportagem do jornal Folha de São Paulo “Celso Daniel - faz 10 anos sem solução”, tem como base entrevistas com o autor do livro-reportagem, com especialista em ‘jornalismo de dados’ e Lei de Acesso a Informação, como ainda, pesquisas bibliográficas, onde profissionais exemplificam o que é ‘jornalismo investigativo e suas técnicas’. Este trabalho analisou, se no livro de Sílvio Navarro houve profundidade do jornalismo investigativo, comparando também, se na reportagem do jornal Folha de São Paulo, existe jornalismo investigado ou não, como no livro.

Atualmente, o jornalismo investigativo não somente desvendar casos ocultos a sociedade, mas também se aprofunda em pesquisas sobre um caso e explica da melhor maneira possível para pessoas comuns entenderem. Além disso, serve para o conhecimento das novas gerações aprenderem o que aconteceu na história em momentos antigos. Segundo Sequeira (2005, p.24) “O repórter investigativo caracteriza-se, primordialmente, por ser o profissional que busca os documentos originais. ”, ou seja, o jornalista Sílvio Navarro averiguou papéis que estavam em posse da justiça e relata todo o caso de Celso Daniel investigando cada detalhe, no entanto isso não é possível na reportagem do jornal impresso devido à estrutura de espaço que tem para cada matéria ser publicada.

Segundo Lage (2001), o jornalismo investigativo é geralmente definido como uma parte extrema de uma reportagem, ou seja, exige muita pesquisa e trabalho por parte do jornalista. “Trata-se de dedicar tempo e esforço para o levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona”. Por este motivo os jornalistas

escrevem história de folego no jornal impresso e não conseguem publicá-las por inteiro, alguns repórteres costumam reproduzir por completo em forma de livros-reportagem.

Este, porém, hoje é visto como um jornalismo de profundidade. Pena (2005, p.202) diz que “é bom deixar bem claro: ‘Jornalismo Investigativo’ não se baseia em denúncias, apenas começa com elas. A base mesmo é uma pesquisa sólida por parte do repórter”. Por isso, alguns jornalistas, inclusive Navarro, preferem usar o termo jornalismo de profundidade. Com essa estrutura, o presente trabalho verificou as técnicas do jornalismo investigativo, usadas no livro “Celso Daniel - política, corrupção e morte no coração do PT”, e as que foram usadas ou não na reportagem do jornal Folha de São Paulo “Celso Daniel - faz 10 anos sem solução”.

A ordenação dos capítulos foi desenvolvida desta forma: A partir do segundo capítulo mostra um parecer geral sobre o conceito, a história do jornalismo, e suas técnicas. No terceiro trata sobre: a definição do jornalismo investigativo no mundo e no Brasil e as características; as novas técnicas usadas nos dias atuais; o uso da pesquisa em base de dados, bem com, esclarece o que é ‘o jornalismo de dados’, conta o seu início no Brasil e no mundo; apresenta as mudanças que houve no tema ‘jornalismo investigativo’; explica o que é a Lei de acesso à informação; relata sobre a transparência na informação exemplificando com o site *Wikileaks* e também fala sobre livro - reportagem. O quarto será a análise comparativa do caso no livro-reportagem com a matéria do jornal folha de São Paulo, verificando se existiu jornalismo investigativo ou não.

O conteúdo exalta a importância do trabalho investigativo para a sociedade, pois, existem casos que se tornaram história no Brasil ou no mundo, e precisam ser contados por obras como estas do Sílvio Navarro e serve também para reflexão de como está o ‘jornalismo investigativo’ nos dias atuais.

2 CONCEITOS E TÉCNICAS DO JORNALISMO

Em meados do século XIX com a chegada da imprensa em papel, deu-se iniciou o jornal impresso para divulgar informações, começando assim as primeiras *mass media*, ou seja, meios de comunicação.

A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo fornecer informação e não propaganda. (TRAQUINA 2005, p. 34)

O jornalismo foi gradualmente crescendo e se desenvolvendo, segundo Traquina (2005, p.34) “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público” são conceitos do jornalismo que foram moldados no decorrer dos anos.

A partir deste momento, Traquina (2005, p.20) diz que, o principal produto do jornalismo é “a notícia, não é ficção, isto é, os personagens das notícias não são invenções dos jornalistas”, ou seja, os personagens são reais porque noticiavam casos verídicos da sociedade naquela época.

A notícia passou a ser algo importante para as pessoas, então a população começou a questionar se seria um serviço público ou para servir ao povo, segundo Christofolletti (2010, p.13) “Poderá a notícia ser qualificada como um serviço público? Ou, noutra aceção, um serviço ao público”, ou seja, noticia é para servir as pessoas com informações relevantes para sociedade, e não só de interesse de um órgão ou instituição. Para Lage (2001, p.23) “Em suma o repórter, além de traduzir, deve confrontar as diferentes perspectivas e selecionar fatos e versões que permitam ao leitor orientar-se diante da realidade”.

No jornalismo impresso ainda no século XIX aumentou o interesse das pessoas por serem informadas sobre assuntos que ocorreram em seu bairro, cidade, país e sobre grandes acontecimentos no mundo. O público se interessa em manter as últimas notícias em dia, por que precisavam saber o que comentar quando estavam nos grupos de conversavas sobre tal assunto, por exemplo, um amigo conversando de política com outro, por isso, queriam estar bem informados. Segundo Traquina (2005) se informar era para eles “combinarem com um conhecimento dos tópicos que lhes permita participar de conversas pessoais de grupos”.

Até os dias de hoje, o jornalismo era e continua sendo utilizado para contar acontecimentos reais que abalam o mundo ou um país e que, no futuro, irão se tornar fatos históricos para outras gerações conhecerem. Ou seja, participa das histórias reais que ocorreu e continuarão a acontecer no mundo, sejam notícias boas ou ruins.

Poder-se-ia dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estória’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo ou tragédias... Os jornalistas veem os acontecimentos como ‘estórias’ e os acontecimentos e as notícias são construídos como ‘estória’, como narrativas que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas. (TRAQUINA, 2005 P.21)

Com crescimento gradual do Jornal impresso começou uma nova maneira de fazer jornalismo Segundo Traquina (2005, p.50) esse novo jeito “veio na forma de *penny press*¹, o nome vem do fato de que perante o preço estabelecido ou comum a seis centavos, o preço dessa nova imprensa foi reduzido a um centavo”. O objetivo era aumentar a circulação do jornal e alcançar leitores de pouco poder aquisitivo que não compravam o jornal, pois naquele momento só existiam jornais que atendiam a elite e

¹ O conceito “Penny Press” surgiu nos Estados Unidos com a criação de jornais majoritariamente noticiosos, politicamente independentes, baratos e com um discurso acessível e direcionados para as pessoas comuns.

eram vendidas as pessoas de classe alta a seis centavos. As publicações dos jornais *penny press* eram de interesses dos cidadãos, ou seja, atinham-se aos fatos e não a opinião de interesses partidários, por este motivo os preços dos jornais foram reduzidos de seis a um centavo para serem vendidos às classes mais baixas e ficou conhecido como jornalismo de centavos ou *penny press*. Este termo *penny press* era chamado assim por que atendia a grande massa com notícias apelativas, imagens nas manchetes e texto simples, como diz Pereira, Júnior (2006, p.53) eram “só casos policiais, execuções, suicídios e escândalos. O espreme, sai sangue garantiu, no século XIX, a inédita circulação de 130 mil exemplares”, e com o tempo tornou-se uma imprensa sensacionalista.

Surgiu um novo jornalismo que privilegia a informação e não a propaganda, a distinção que era vista como pressupondo um novo conceito de notícias onde existiria a separação entre fatos e opiniões. É precisamente esta ideia que a chamada *penny press* dinamizou, efetuando assim a mudança de um jornalismo de opinião para um jornalismo de informação. (TRAQUINA 2005, p. 50-51)

Também segundo Traquina (2005, p. 52), surgiu então o repórter no campo jornalístico, “era para esse mundo dos fatos que esta nova figura do campo jornalístico – o repórter fazia um esforço supremo” a fim de recolher informações e fazer a montagem dos fatos. O repórter começou a ser comparado ao cientista ou historiador devido à busca incansável pela notícia com detalhes. Pensava Traquina (2005, p. 52-53) que devido a isto, “posteriormente, emergiria uma nova forma jornalística baseada em um trabalho exaustivo dos fatos: o jornalismo de investigação”.

Ocorreram algumas mudanças no decorrer dos anos em vários setores industriais, educação, e comércio, apresentou novas necessidades nas pessoas de consumirem mais, inclusive informação, e foi nesse momento da história que, no

jornalismo, o repórter se desenvolveu e se aprimorou em sua função, ampliando sua capacidade de perguntar e investigar.

Na história, um dos primeiros repórteres do jornalismo contemporâneo foi o William Russel. De acordo com Karam (2012 p.53) “Russel cobriu a guerra da Crimeia, entre 1854 e 1856, pelo The Times, de Londres”. Este nome (Crimeia) deve-se ao fato de que boa parte das batalhas aconteceu na Península da Crimeia, hoje parte do território ucraniano. A guerra² mantinha uma disputa de territórios do então devastado império Turco-Otomano, envolveu de um lado o império Russo e do outro o império Otomano (atual Turquia). Diante deste cenário de guerra, o repórter tornou-se figura importante.

Era o início de um processo irreversível de constituição da figura do repórter, que se distinguia de outras funções jornalísticas e que, até o momento a meu ver, continua imprescindível ao bom jornalismo mesmo no cenário das redes sociais, do ciberespaço e da chamada interatividade. (KARAM 2012 p.54)

A figura do repórter no jornalismo cresceu com o tempo, para Lage (2001, p.16) “à medida que a figura do repórter se definia, que ele se tornava importante, que era mais acionado para cobrir fatos sociais, crimes, as agitações de rua as guerras e os debates parlamentares”, começou a haver contradições entre o que o repórter escrevia e o que a polícia ou políticos diziam sobre os acontecimentos, pois os jornalistas relatavam realmente a verdade sobre os fatos. Desde então, ocorreram muitas mudanças na maneira de se escrever uma notícia e os novos repórteres criaram outras formas diferentes de fazer reportagem. Conforme Traquina (2005 p. 58), “desenvolve-se

² O conflito que colocou o império russo contra a união entre o Império Otomano, o Reino Unido, a França e o reino da Sardenha ficou geralmente conhecido como Guerra da Crimeia. Essa batalha teve seu início em 1853 e prolongou-se até 1856.

a nova técnica da estenografia que transformou o trabalho de uma reportagem numa espécie de ciência.” A palavra estenografia segundo o dicionário Brasileiro, significa o processo de escrita formado de sinais abreviativos convencionais que permitem transcrever as palavras quase tão rapidamente quanto são pronunciadas. Ou seja, o repórter progrediu para essa nova forma de escrever um fato: no momento do acontecimento. Por exemplo, numa guerra civil, para a imprensa, era imprescindível à presença do repórter para realizar a cobertura do fato. Ele precisava escrever rapidamente, na velocidade da fala, por meio de abreviaturas, sinais e trazer a notícia refletindo como um espelho, para sociedade saber o que estava acontecendo.

Ao acompanhar as tropas a Guerra civil, os leitores tiveram acesso às notícias de batalhas, do desempenho dos generais, das estratégias militares, da vida nos acampamentos e do comportamento das tropas e os jornalistas utilizaram de novas técnicas no seu trabalho, como de descrição das testemunhas e dos cenários. (TRAQUINA 2005, p. 50-51)

Nesse momento, desenvolveu-se também as técnicas da entrevista, pois os jornalistas precisavam fazê-las para apurar os fatos ocorridos. Traquina (2005, p. 58) diz que “a técnica da entrevista foi utilizada pela primeira vez por um dos primeiros jornais da nova penny press, o *The New York Herald*”. A reportagem que usou a técnica da entrevista com uma pessoa, aconteceu em um caso de crime num bordel, e foi realizada uma entrevista com a proprietária do local para apuração da notícia. Disse Lage (2001, p.73) “A entrevista é um clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes objetivando geralmente a coleta de interpretações e a reconstrução de fatos”.

Conforme cresce o trabalho jornalístico, surge uma nova técnica, que é a da fonte múltipla, ou seja, poderia se fazer o cruzamento de fontes, como Traquina (2005 p. 59) diz “o recurso a fontes múltiplas tornou-se uma prática estabelecida”, para apresentar à sociedade, as várias formas de ponto de vista em um mesmo artigo.

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que chama de fontes. É tarefa comum dos reportes selecionar e questionar essas fontes e colher depoimentos... (LAGE 2001 P. 49)

Durante a Guerra Civil dos Estados Unidos, jornalistas correspondentes enviados tinham que andar disfarçados para evitarem ser reconhecidos. Isso então forneceu um novo modelo: o “jornalismo de disfarce” que se desenvolveu nos anos de 1880. Depois disso, ainda aparece outra técnica jornalística. Segundo Traquina (2005) “seria o surgimento do jornalismo de investigação, com os chamados jornalistas *Muckrakers* no fim XIX e início do século XX”.

A utilização de técnicas como a entrevista de testemunhas oculares, a descrição, o desenvolvimento da reportagem e o jornalismo de disfarce foram as inovações do jornalismo no decorrer do século XIX, que contribuíram para o jornalismo como é visto hoje.

3 JORNALISMO INVESTIGATIVO

Segundo Fortes (2005), há consenso razoável entre jornalistas de que a notícia publicada, por si só, já é resultado de atividade investigativa que demanda graus diferentes de apuração. Para Fortes (2005 p. 17), “o termo jornalismo investigativo é muito mais uma marca do que um conceito”. Portanto, a investigação jornalística é para ele parte da engrenagem que vai da pauta até a veiculação da notícia. Ele diz que “investigar, averiguar, checar, apurar deve ser método de trabalho de todos os repórteres, em qualquer campo de atuação. O conceito é inadequado e impreciso”. Apesar do glamour da marca, Jornalismo investigativo passou a ser um grande campo de atuação e hoje se tornou referência ao tipo de jornalismo mais aprofundado.

O Jornalismo investigativo vai além do jornalismo diário, pois exige uma apuração mais profunda, pesquisas e cruzamentos de dados. Para Hunter (2009, p.8) “Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados”. Esse tipo de jornalismo é o que procura revelar algo que a sociedade ainda não sabe, entretanto é de interesse público e envolve expor a sociedade em questões que estão ocultas, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento.

Outro detalhe do Jornalismo investigativo, para Fortes (2005, p.15), é a observação de que o fato “que dá conotação investigativa ao todo nada tem a ver com a rotina do noticiário, mas com a perspectiva de coroa-lo com momentos de diferença”. Ou seja, existe uma divergência em apurar notícia imediata e se aprofundar em uma que necessita de mais investigação.

Enquanto a reportagem convencional aborda notícias imediatas e objetivas, tornar-se investigativa depende de o repórter ir atrás de fatos que não são relatados em uma reportagem comum.

A cobertura convencional de notícias depende amplamente – e, às vezes, inteiramente – de materiais fornecidos pelos outros (por exemplo, pela polícia, governos, etc.); ela é fundamentalmente reativa, quando não passiva. A cobertura investigativa, em contraste, depende de materiais reunidos ou gerados a partir da própria iniciativa do (a) repórter. (HUNTER, 2009 p.8)

É fato que uma reportagem investigativa tem certo prazo para ser concluída, e dá mais trabalho do que o jornalismo diário. Faz-se necessário dedicar esforço e tempo para levantamento de um caso e dados coletados pelo jornalista. Para Pena (2003, p. 201) “é transitar pelos bastidores das notícias, arrancando o véu opaco de acontecimentos obscuros, cujos protagonistas fazem de tudo para escondê-los”. Por esse motivo, segundo Pena (2003, p. 201) a palavra *investigar* tudo tem a ver com o que o repórter investigativo faz, pois significa “pesquisar, confrontar, verificar, analisar, insistir. Todos esses verbos no mesmo processo de produção jornalística”. A prática do jornalismo investigativo é a maneira como profissional se utiliza de métodos de pesquisa e técnicas com grande afinco para publicar a matéria.

Pode se entender que o jornalismo investigativo - pelo menos parte dele – como um esforço para evidenciar misérias ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveria ser ou ter sido. (LAGE, 2004 p.138-139)

Uma das definições que se dá ao jornalismo investigativo hoje, não é mais apenas revelar algo encoberto ao público. Para Bereba (apud Fortes, 2005, p.19), o termo “jornalismo investigativo” causa, de fato, certo desconforto. Este ofício, “tornou-se uma qualificação específica para reportagens de mais fôlego, de maior investimento de apuração, aquela que exige mais tempo e paciência para pesquisas, entrevistas, observação direta, checagem e recheagem – na busca obsessiva por documento e provas”.

Essa atividade, em outro tempo, era ligada ao furo jornalístico, mas ainda para Fortes (2005, p.19) “cada vez mais está conectada a ações diferenciadas em áreas específicas do espaço público, no caso de reportagens relativas a políticas de governo e/ou da vida funcional/pessoal dos agentes públicos”. Ou seja, esse trabalho está mais vinculado a denúncias e escândalos principalmente nos acontecimentos políticos.

O jornalismo investigativo não pode ser realizado por uma única fonte, como as oficiais (do governo). Fortes (2005, p.78) explica que o jornalismo investigativo precisa voltar a ser como era na sua origem “porque há sempre o perigo dos repórteres se afiarem apenas em relatos oficiais”. Muitos repórteres acreditam que copiar boletim de ocorrência é resultado de investigação, quando na verdade, é apenas enganação. “Ou você vai investigar o que apurou, ou você fica atrás da polícia” afirma (TOGNOLLI citado por FORTES, 2005, p.78). Ou seja, confiar em uma única fonte, ainda que seja em off, é arriscado demais para o trabalho jornalístico.

O que Hunter (2009, p.11) diz a respeito das fontes, que “a boa-fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser usada sem verificação”. Por isso, é preciso haver cruzamento de fontes e de documentos.

Para Pena (2005, p. 202) “jornalismo investigativo não se baseia em denúncias, apenas começa com elas. A base mesmo é uma pesquisa sólida, por parte do repórter e dos fatos”. O repórter necessitava se aprofundar no caso, se quiser ter uma boa reportagem, averiguando outras fontes para fazer a checagem de informações.

O fazer jornalismo investigativo traz uma nova roupagem. A antiga reportagem policial, que no passado foi uma grande escola para o jornalismo. Mirelles (apud Fortes, 2005, p.78) destacam duas razões para essa mudança de foco, “o chamado crime do colarinho branco, para a corrupção nas diversas estruturas de poder”. As outras

mudanças foram as fontes. Antes as delegacias eram procuradas, agora “os melhores informantes para esse tipo de cobertura migraram para o ministério público, nos parlamentos com suas CPIS, e, na Polícia Federal”.

É certo que essa categoria de jornalismo hoje, como afirma Mirelles (apud Forte, 2005, p.78), “é a cobertura mais aprofundada dos poderes, mostrar os podres”. Pode se dizer que o investigativo hoje é essencial para cumprir um dever à sociedade para fiscalização dos poderes públicos, o que incomoda muitos dos poderosos.

Lage (2004, p.138) também explica que “o jornalismo investigativo geralmente é definido como forma extrema da reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pela qual o repórter, em geral, se apaixona”. Então o jornalista tem que se interessar pelo caso, ficar curioso em descobrir mais e mergulhar na reportagem.

Sequeira (2013, p.29) diz que a reportagem *investigativa* pode ser *investigativa* e *interpretativa*, “A diferença fundamental entre as duas formas é que a reportagem *investigativa* revela informação inédita”, ou seja, mostra uma informação que ainda não foi descoberta ou publicada. E a reportagem *investigativa-interpretativa*, ainda segundo Sequeira (2013, p.29) “surge como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma ideia, bem como de uma busca obstinada dos fatos, para reunir informações num novo contexto e mais completo.” Significa interpretar os fatos ocorridos e explicar da melhor maneira possível à sociedade.

Nesta situação Sequeira (2005) também acredita que a reportagem investigativa original envolve algo que os próprios repórteres evidenciam por meio de um documento que não estava exposto ao público. Um exemplo de reportagem investigativa original no modelo mais moderno, no qual utilizou-se o poder do computador e substituiu a análise do repórter, foi a série intitulada *The Color Of Money*, de Bill Dedman, do *Atlanta*

Journal of Constituion que, em 1989 ganhou o Prêmio *Pulitzer*. Esta série de reportagens incriminou a discriminação racial nas instituições de crédito em Atlanta e ocasionou reformas importantes na política de empréstimo bancário em todo o país. Foi uma reportagem que se iniciou com o poder do auxílio do computador, que mais tarde passou a se chamar de jornalismo de dados.

3.1 Jornalismo investigativo no mundo

A imprensa começou a exercer um comportamento crítico em relação ao governo dos Estados Unidos, quando o mesmo participou da Guerra do Vietnã (1959 – 1975). Segundo Sequeira (2005, p.11) “os jornalistas Norte – Americanos posicionados contra o governo começaram a analisar a atuação dos políticos.” E, a partir desse momento, publicaram-se muitas desaprovações em relação às condições sob as quais os soldados iam à guerra. Muitas reportagens daquele tempo chegaram ao público do mundo inteiro nas páginas de revistas como *Life* e *Look*.

Ainda para Sequeira (2005, p.11 e 12) “o que marcou para sempre o Jornalismo Investigativo, em 18 de junho de 1972, foi a publicação feita nesta data pelo diário *The Washington Post*”. Uma reportagem que envolvia política e investigação jornalística de autoria de dois repórteres desconhecidos, Carl Bernstein e Bob Woodward, que deu origem ao Caso Watergate em Washington, nos Estados Unidos.

A reportagem dizia que o fato ocorreu quando “cinco homens haviam sido presos na noite 16 de junho de 1972 tentando instalar aparelhos eletrônicos” diz (Sequeira 2005, p.11). Quando os jornalistas investigavam o caso, chegaram à Casa Branca e ao coordenador de segurança do comitê para reeleição do presidente Richard Nixon.

Tais investigações ganharam credibilidade e força, pois abalaram a imagem de Nixon diante da opinião pública. Mesmo sendo reeleito, dois anos depois, em agosto de 1974, sob ameaça de acusação pública, o presidente norte-americano renunciou ao

cargo. Segundo Sequeira (2005, p.12) “as investigações de Woodward e Bernstein transformaram o jornalismo, redefinindo a imagem do ofício do repórter e o fazer jornalismo - não só nos Estados Unidos como também no Brasil”, pois, com essa influência do jornalismo investigativo nos Estados Unidos e com a nova imagem do repórter investigativo, o Brasil, aos poucos, foi se aperfeiçoando essa técnica.

Ocorreu, após o caso do Watergate, um fato importante, com consequências que atingiram o jornalismo americano naquele momento da história, que foi a reestruturação do jornal *The New York Times* em sua filial em Washington, pois criou “uma equipe de repórteres investigativos para fazer frente ao seu rival de Washington” (SEQUEIRA, 2005, p. 28)

3.2 Jornalismo investigativo na era digital e vazamento de Informações

Atualmente, devido à transformação da história onde a humanidade deixa o analógico e entra na era digital, o jornalismo segue essa mesma mudança gradativamente. Hoje é possível fazer jornalismo investigativo por meio do uso da internet. Segundo Fortes (2005), nos Estados Unidos tem uma instituição chamada *Investigative Reporters and Editors*³, Inc. (IRE), uma organização formada em 1975 sem fins lucrativos que se dedica em melhorar a qualidade dos relatórios investigativos. A missão da *Investigative Reporters and Editors* é promover a excelência do jornalismo investigativo, que é essencial para uma sociedade livre. IRE fornece aos membros acesso a milhares de folhas de jornais, dicas, relatórios e outros materiais através do

³ Começou em 1975 como o cérebro de um pequeno grupo de repórteres de todo o país que queria compartilhar dicas sobre reportagem e redação.

seu centro de recursos, organizam conferências, treinamento especializado em todo o país e apoia jornalistas investigativos.

O IRE oferece prêmios em concurso anual e reconhece a melhor reportagem investigativa por mídia impressa. Sua sede se localiza em Colúmbia, Missouri. Em um desses cursos, um dos repórteres não acreditou nas dicas dadas pelo palestrante, pois achava que não era possível realizar jornalismo investigativo via internet.

De acordo com Tognolli, (2005 apud Fortes, 2005 p.75) “pelo menos 10 reportagens ganhadoras do Prêmio *Pulitzer* referiam-se ter sido feitas, quase por completo, com a ajuda dos sites de busca *Google* (www.google.com) e *AllTheWeb* (www.allTheWeb.com)”. Naquela época, isso foi algo inacreditável, pois não era comum fazer jornalismo investigativo pela internet e parecia que os princípios da informação se perderam.

Não tem como negar que hoje o uso da internet é válido para investigação jornalística. De acordo com Fortes (2005 apud TOGNOLLI, 2005 p.75) “Hoje, vem a certeza: ninguém pode investigar um caso sem antes ter passado pelo menos duas horas em um desses sites de busca.

Um exemplo que ocorreu aqui no Brasil, o caso do sequestrador Maurício Norambuena. Noticiado em 2002, um caso primeiro na Rádio Jovem Pan, Fortes (2005 apud TOGNOLLI, 2005 p.75), diz que o “sequestrador Maurício Norambuena havia estado em São Paulo em 1997, depois da fuga de prisão de segurança máxima no Chile”, então trouxeram o sequestrador de volta para São Paulo pelas mãos das irmãs Shannon, celebridades internacionais do terrorismo do Irã. Este caso apareceu na primeira página do jornal O Globo que deu a matéria como exclusiva e dias depois apareceu no jornal Folha de S. Paulo.

Segundo Fortes (2005) explica que “o primeiro caminho é digitar o nome do sequestrador (Norambuena) seguido, é obvio, do vocabulário ‘*and*’ e, em seguida, da palavra que der na veneta”, ou seja, a primeira palavra é o nome da pessoa pesquisada, então é colocada a palavra “and” que traduzido significa “e”. Logo depois, ao lado dessa palavra, coloca-se o caso a que se refere ao nome pesquisado, como por exemplo: Norambuena *and* sequestrador, é dessa forma que os jornalistas pesquisam na internet sobre um caso. Os repórteres encontraram evidências não publicadas na mídia sobre o sequestrador, isso foi o que ajudou a descobrir onde ele estava. Desta maneira, a polícia o prendeu. Essa matéria foi publicada por motivo da pesquisa na internet, foram encontrados e-mails que o sequestrador enviou para vários lugares do mundo afim dos presos causarem motins nas prisões.

Fortes (2005, p.75) apud TOGNOLLI fala que “a pesquisa no Google com o ‘norambuena and Canadá’ revela também que tal e-mail foi rastreado por uma junta progressista da Nicarágua - onde se encontram os dez sequestradores de Abílio Diniz”. O empresário foi sequestrado na capital paulista, em 11 de dezembro de 1989, no intervalo entre o primeiro e o segundo turnos da primeira eleição presidencial, pós a democratização, em que concorreram os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva pelo PT e Fernando Collor de Mello, pelo PRN.

Diniz, do grupo Pão de Açúcar (então 14º maior do país e o primeiro do setor de varejo), permaneceu em cativeiro durante seis dias. As relações desse caso com o sequestrador foram possíveis através da consulta pela internet. Mais é importante que os repórteres controlem o uso da internet para fazer uma reportagem investigativa, e precisam aprender como manusear essa ferramenta, como o Google.

Embora confiem à internet razoável parcela de sua apuração, os jornalistas investigativos ainda não sabem tirar proveito de tudo que ela pode oferecer. “A maioria se contenta com uma rápida pesquisa no Google, negligenciando o potencial da rede

para buscas em tribunais, juntas comerciais e outros valiosos bancos de dados”. (FORTES 2005, p. 81/82)

A internet, se bem manuseada, serve para boa pesquisa e raras investigações de interesse público, mas também é possível pesquisar muitas coisas nos bancos de dados de sites interessantes, como do governo, por exemplo, de empresas e até dados pessoais de figuras importantes envolvidas em casos, só não pode se esquecer de apurar os fatos.

Segundo Karam (2012 p. 58) “jornalismo, para continuar relevante no século 21 e no ciberespaço, terá de cultivar, sobretudo a apuração, ou o que seria o centro nevrálgico inicial de sua atividade: a pergunta. Ou melhor, dizendo: a pergunta incômoda”. Ou seja, mesmo no ciberespaço, que é a internet, não se pode deixar de fazer a apuração dos fatos, precisa elaborar perguntas certas e questionamento que incomodam autoridades ou pessoas envolvidas em algum caso de escândalo ou outros.

Com o crescimento da internet as novas tecnologias e mídias sociais se desenvolveram e tornou-se mais fácil as pessoas saberem da vida pública de governantes. Alguns fatos políticos ou empresariais, antes poderiam ficar ocultos, porém com o vazamento de informações muitos dos segredos do governo e de interesse público começaram a ser divulgados. Vazamento⁴ de informações pode decorrer de alguém que cedeu informações secretas de empresas, governo e assim por diante, geralmente vêm de pessoas que querem mudanças no governo, então foi com esse propósito que nasceu a *Wikileaks*, em 2011, que ganhou o prêmio Nobel da paz. Julian Assange, o criador do site segundo Chistofoletti e Lima (2012, p.58/59) “deixou

⁴ Quando Julian Assange e a sua equipe no Wikileaks enviavam as informações dos vazamentos para a imprensa, era feita toda uma triagem com a remoção dos nomes de alguns dos envolvidos (nomes que poderiam causar danos sérios a alguém, inclusive ameaças de morte).

muitos governantes e órgãos da inteligência com a ‘a alma’ à mostra desmentindo versões e revendo fatos e expondo, perante a vida pública aspectos de ‘segredos’”, o site foi classificado um dos mais relevantes para transparência e para liberdade de expressão.

O autor da proposta aprovada, Snorre Valen, membro do parlamento norueguês, anunciou a indicação do *Wikileaks*, considerado o site como um dos mais importantes colaboradores para liberdade de expressão e transparência. (CHRISTOFOLETTI E LIMA 2012, p. 59).

O site *Wikileaks*⁵ foi criado em 04 de outubro de 2006. Segundo o próprio site, a *Wikileaks* é qualificada para obter grandes materiais de dados oficiais, restritos, proibidos e documentos que são de interesse público, porém limitados às pessoas comuns, ou seja, envolvendo guerra, espionagem e corrupção. Segundo o site, até 2015, a *Wikileaks* publicou mais 10 milhões de documentos e análises associadas a esses tipos de acontecimentos. Os vazamentos de informações que são enviados para o site, não expõem as pessoas que encaminham, pois existe um sistema de privacidade criptografada que permite o anonimato dos computadores de cada indivíduo. Segundo Leigh e Harding (2011, p.62) “*FreeNet* (método *per-to-peer* de armazenamento entre centenas e milhares de computadores, sem revelar a origem ou proprietários”, ou seja, é considerado uma privacidade muito boa.

Devido ao crescimento em massa do site, ocorreu uma parceria, organizações jornalísticas se uniram com *Wikileaks*, para divulgar as informações vazadas nos jornais. A *Wikileaks* se tornou, então, colaborativo para o jornalismo em geral, mas especificamente o de investigação. Segundo os jornalistas do *The Guardian Leigh e*

Harding (2011, p. 23). “É difícil pensar em exemplos comparáveis de organizações noticiosas trabalhando juntas do modo como o *The Guardian*, o *The New York Times*, a *Der Spiegel*, o *Le Monde* e o *El País* trabalharam no projeto *Wikileaks*”. O site confirma que não pode haver censura contra ele, pois quando os documentos são vazados estão seguros, a “proteção e o anonimato de tecnologias de criptografia de ponta” (LEIGH E HARDING 2011, p. 23).

Assange foi convidado a realizar uma palestra para jornalistas investigativos na Noruega e segundo Leigh e Harding (2011, p. 74) “o anúncio de sua palestra dizia: ‘Algumas pessoas acreditam que o *Wikileaks* fez mais jornalismo investigativo que o *The New York Times* nos últimos vinte anos’”. Com tudo isso, a *Wikileaks* contribuiu para o jornalismo de investigação dar transparências aos temas e fatos ocorridos sejam eles privados ou públicos, mas se tal fato é de interesse público, é importante investigar e divulgar.

Tal perspectiva, que de um lado parece atestar que o vazamento de informações por si só não é jornalismo, disposto por entidade ou indivíduo, por outro continua dando relevância aos critérios jornalísticos de reconhecimento e da relevância de acontecimentos e de apuração e verificação e posterior narração. (LEIGH E HARDING 2011, p. 61)

Por este motivo, os cinco Jornais mais conhecidos (*The Guardian*, o *The New York Times*, a *Der Spiegel*, o *Le Monde* e o *El País*) que tem credibilidade mundial foram escolhidos por Assange para noticiar fatos verdadeiros da *Wikileaks*, que somente poderiam ser levados a sério se divulgados por eles. Porque os vazamentos não são jornalismo, se não forem divulgados por empresas jornalísticas

⁵ O Wikileaks é especializado na análise e publicação de grandes conjuntos de dados de materiais oficiais censurados ou restritos envolvendo guerra, espionagem e corrupção.

3.3 Jornalismo investigativo no Brasil

Quando estourou o Caso Watergate, em 1972, nos Estados Unidos, o Brasil, comandado pelo general Emilio Garrastazu Médici, segundo Sequeira (2005, p.12) “vivia em plena ditadura militar e a imprensa sob censura prévia, instaladas, em muitos casos, nas próprias redações. ” O General Ernesto Geisel, que governou entre 1974 a 1979, assumiu o poder em substituição a Médici. A partir deste momento, o Brasil passou a ter uma abertura política, esse nome foi dado porque no ⁶governo de Geisel foram realizadas ações cujo objetivo era fazer a transição lenta, gradual e segura para a democracia, sendo assim, tornou-se possível durante esse período publicar matérias sobre política, pois na gestão do outro general, o Médici, ainda havia muita censura.

Ainda segundo Sequeira (2005, p.12) “o então presidente definiu como lenta gradual e segura – tão lenta que a suspensão à censura prévia ao jornal O Estado de São Paulo, por exemplo, só vai acontecer em janeiro de 1975”.

Foi daí então que o Jornal Estado de São Paulo publicou no outro ano, em 1976 uma série de reportagens intituladas “Assim vivem os nossos superfuncionários”, que relatam fatos a respeito das mordomias, regalias e gastos dos funcionários públicos que viviam em Brasília. Essa série de reportagens, dirigida por Ricardo Kotscho com vários repórteres, ganhou o ‘Prêmio Esso’ em 1976. Naquele momento, essa notícia “abala o país ao desnudar para a sociedade brasileira boa vida de ministros e altos funcionários da corte instalada em Brasília e capitais federais”. (SEQUEIRA, 2005, p.12)

Conforme Fortes (2005, p.9) “o boom da investigação jornalística teve que esperar o fim da ditadura Militar (1964-1985) para acontecer”. Em 1985, com a

⁶ Durante o governo Geisel iniciou a transição para a democracia liberal que ele mesmo designou que deveria ocorrer de forma “lenta, gradual e segura”.

redemocratização do país, os jornalistas passaram a respirar nas redações, fugiram do jornalismo diário, e foram para o jornalismo mais aprofundado, o de investigação.

Segundo Fortes (2005 p.9) “durante 21 anos de rodízio de generais no Palácio do planalto, a imprensa brasileira ficou, em maior e menor escala, sufocada pela censura e pela força da repressão”. Quando terminou a era da ditadura, as notícias não ficaram ocultas, os jornalistas passaram buscar a melhor notícia, aquela que está escondida.

O jornalismo investigativo naquela época não era conhecido por este nome, mas pode se dizer que a reportagem investigativa no Brasil teve o seu início nos anos 70 e pode ser encontrada nas páginas dos jornais diários brasileiros, quando, ainda durante a ditadura militar, findou a censura prévia aos jornais. Por isso, não se pode ignorar que grandes reportagens dessa época têm cunho investigativo.

3.3.1 Jornalismo de dados

Anos após o desenvolvimento do jornalismo investigativo no Brasil, já no século 21, surgem entidades corporativas, organizações de jornalismo investigativo com o objetivo de regularizar e manter uma troca de ideias direcionadas ao tema de investigação jornalística. Os mesmos produzem manuais, palestras e cursos.

No Brasil, foi criada, em 2002, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI). Segundo Fortes (2005, p.40), “mantém um sistema virtual de troca de informação e divulgação de notícias centradas no modelo de jornalismo investigativo”. A entidade segue exemplo de outras semelhantes em outros países como dos Estados Unidos e Filipinas, que tem o mesmo objetivo de fortalecer e incentivar o jornalismo de investigação e divulgar esse assunto para jornalistas e estudantes de

comunicação, “além de manter fóruns abertos para a discussão constante do tema” (FORTES 2005, p.40).

A ABRAJI criou um manual que ensina tudo sobre jornalismo de dado que pode ser visto gratuitamente no site da mesma, e também proporciona cursos sobre técnicas de reportagem, o uso da internet, e banco de dados, para aprofundar a apuração de uma reportagem investigativa.

O Jornalismo de dados não é algo novo, começou Segundo Mali⁷ (2017) começou “desde a década de 50 e 60 de maneira mais sistemática em jornais nos Estados Unidos” iniciou neste período porque era ano de eleições eleitorais e foi a partir daí que começaram a publicar pesquisas prevendo quem iria ser eleito como próximo presidente, usando base de dados. Na época era difícil fazer reportagem com computador, pois não existiam computadores de uso pessoal, eram gigantescos computadores e poucas pessoas tinham acesso.

Então jornalismo de dados era um grupo pequeno de pessoas que faziam tabulação em cima de bases restritas de dados na época principalmente na década de 70 onde se teve alguns pilares teóricos do que a gente chama de Jornalismo de Dados eles davam o nome a esse tipo de prática de Jornalismo de Precisão. (MALI, 2017)

O maior percussor desse tipo de jornalismo foi ⁸Filipe Meyer, que começou a juntar técnicas da Ciência Sociais e da estatística para formar jornalismo de dados.

⁷ Entrevista realizada com Jornalista Tiago Mali que é coordenador de cursos da Abraji. Formado pela PUC-SP, com pós-graduação na Universidade de Georgetown, foi editor na revista Época, editor e redator-chefe na revista Galileu, editor dos sites da ONU e do PNUD no Brasil, repórter e editor no site Terra.

⁸ É professor desde a década de 1980 e contribui de forma notória para as pesquisas do campo profissional, com ênfase em jornalismo de precisão, jornalismo cívico, indústria de jornal, qualidade do

Segundo Mali (2017) “o termo jornalismo de dados em si, começa a ser usado com mais frequência no fim de 2009 entrando em 2010 e coincide com período de abertura muito grande de bases de dados pelo mundo”.

A grande mudança que houve para o termo jornalismo de dados, foi devido a ação realizada pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, que na época (2009), abre um *repositório* Data.gov, onde está boa parte das informações da administração federal do país. Obama estava disposto a mostrar um governo com transparência por meio da tecnologia de dados. Quando isso aconteceu, vários outros países seguiram o exemplo dos Estados Unidos.

3.3.2 Lei de acesso à informação

No Brasil em 2012, com a sanção da lei de acesso à informação possibilitou a abertura maior de informações em base dados. A diferença do jornalismo de dados de antes para o que é agora:

É que antes se fazia assim: os jornalistas pesquisavam base de dados que tem informações e se transformava em matérias, fazia – se histórias a partir dali, agora também, mas como tem muita informação disponível neste momento e muita base de dados aberta na internet, houve algumas mudanças inclusive no jeito de usar e de fazer narrativas,

jornalismo e tecnologia de comunicação. Desde 2005, o National Institute for Computer-Assisted Reporting em parceria com a Walter Cronkite School of Journalism and Mass Communication da Universidade do Arizona criaram o prêmio Philip Meyer para prestigiar as melhores reportagens utilizando métodos de pesquisa em ciências sociais.

alguns teóricos defende que o termo jornalismo de dados atual está ligado a uma abertura maior dessas informações (MALI, 2017).

Segundo o manual de jornalismo de dados, o que esse tipo de jornalismo tem de diferente dos demais é uma nova alternativa, onde há possibilidades de unir o tradicional “faro jornalístico” e a habilidade de contar uma história cativante somente com alcance de informações digitais. Ainda para Mali (2017), o jornalismo de dados não mudou ainda “é o mesmo jornalismo que se fazia antes, só com uma técnica a mais que permite acessar informações ou fazer perguntas que de outra forma seriam difíceis de fazer para uma pessoa só ou para uma fonte”.

O jornalismo de dados contribui para o jornalismo de investigação, pois eles se unem. Mali (2017) explica que, quando o jornalista busca informação de um órgão público, “a assessoria tentará tentar empurrar uma informação que eles acham melhor para imagem do órgão”, porém com lei de acesso a informação (nº 12.527/2011), isso não ocorre com tanta frequência como antes, porque, com a lei, os órgãos públicos são obrigados a divulgar todos os dados de informação até mesmos algumas sigilosas.

Segundo Abrano (2012) “O principal problema trazido pela regulamentação efetuada pela lei nº12.527/2011, foi ter levado a figura da ‘informação sigilosa’ as três esferas e três poderes”, porque antes o sigilo era só para informações públicas federais. Depois da lei isso mudou, os três poderes: executivo, legislativo e judiciário podem escolher quais informações querem que fiquem em sigilo.

Depois da lei, qualquer estado, município, Tribunal de Contas, ente legislativo e assim por diante passou a gozar da prerrogativa de definir – sempre arbitrariamente – que tais ou quais tipos de informações seriam sigilosos. (ABRANO, 2012)

A lei de acesso à informação (LAI) está na constituição artigo 5º inciso 33. Lei nº 12.527/2011 que regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas. Essa norma entrou em vigor em 16 de maio de 2012 e criou mecanismos que

possibilitam, a qualquer pessoa, física ou jurídica, sem necessidade de apresentar motivo, o recebimento de informações públicas dos órgãos e entidades.

A lei de acesso à informação surgiu por meio de debates, discussões elaboradas por jornalistas. Segundo Atoji⁹ (2017) “em 2003 foi quando Abraji realizou o primeiro grande debate sobre a necessidade da lei de acesso a informações públicas no Brasil”. Dez anos depois, 2013 em Brasília a ABRAJI realizou um seminário internacional do direito ao acesso de informação pública com jornalistas, especialista nesta área.

O jornalista Fernando Rodrigues¹⁰ que na época era o diretor e presidente da ABRAJI notou pelo trabalho dele como jornalista correspondente que nos Estados Unidos têm uma lei de acesso a informações públicas (ATOJI, 2017).

Percebeu isso também na Europa, pois ajudava os jornalistas conseguirem informações para realizarem reportagens, por este motivo notou que no Brasil ainda não tinha uma lei específica sobre acesso à informação pública.

A Transparência Brasil¹¹ e a Transparência e Controladoria-Geral da União¹² que (CGU) eram os mais indicados na época para provocar o poder Executivo Federal que

⁹ Entrevista realizada com especialista da ABRAJI Marina Lemini Atoji é formada em Jornalismo pela USP. Entrou na ABRAJI como secretária-executiva do Fórum de Acesso em 2011, poucos meses antes de a LAI (Lei de Acesso a Informação) ser aprovada. Desde 2013 acumula a gerência-executiva da ONG. Antes foi pesquisadora e editora na Transparência Brasil

¹⁰ Fernando Rodrigues é o criador do blog Poder360. Repórter cobriu todas as eleições presidenciais diretas pós-democratização.

¹¹ A Transparência Brasil foca sua atuação na busca pela integridade do poder público, principalmente por meio do aumento da informação disponível. Seu trabalho é dividido em duas áreas: monitoramento das instituições e advocacia.

produziram uma lei específica de acesso à informação. Após estes debates, discussões e iniciativas, conseguiram implantar a LAI (Lei de Acesso à informação).

Para checar alguma informação em qualquer órgão público é necessário fazer um pedido, porém depende, segundo o guia da lei de acesso, tem informações que não tem necessidade de fazer pedidos, são: “competências, lista de cargos e seus ocupantes, endereços e telefones das unidades, horário de atendimento ao público são respostas às perguntas mais frequentes da sociedade”.

Existem também as informações dos documentos sigilosos. A lei estabelece alguns sigilos a documentos que de fato não podem, estabelece prazo, por exemplo. Tipos de documento que podem ser classificados como reservados, esses só podem ser divulgados depois de cinco anos. Quando é produzido um documento secreto só pode ser divulgado depois de quinze anos, porém existem casos de documentos ultrassigiloso que a LAI explica como funciona.

Se for produzido um documento ultrassecreto como o próprio nome disse é ultra o grande sigilo só pode ser divulgado depois de cinquenta anos. A partir da data que foi produzido, esse prazo pode ser renovado por mais uma vez até cem anos, essas restrições são mais em casos muito específicos, casos que coloquem em risco a soberania nacional ou território nacional. (ATOJI 2017)

A lei de acesso à informação estabelece explicações sobre condutas que impliquem a violação de direitos humanos, ou seja, uma instituição ou órgão público não podem negar pedidos de documentos que sejam necessários para garantir ou reivindicar direitos fundamentais como, por exemplo, liberdade de expressão, vida, liberdade religiosa etc.

¹²É o órgão de controle interno do Governo Federal responsável por realizar atividades relacionadas à defesa do patrimônio público e ao incremento da transparência da gestão.

Segundo a LAI no Artigo 8º, parágrafos 1º e 2º Os órgãos públicos devem exibir em seus sites oficiais: listas de organograma identificando as autoridades que o compõem, informações sobre as funções do órgão, o contato da pessoa responsável por fiscalização da lei de acesso, telefone e endereço de E-mail do serviço de informação ao cidadão (SIC), esses são alguns. Também devem exibir em seus sites conteúdos referentes ao financeiro e orçamentário, porém esses dependem de cada instituição pública, decidir se deve ou não divulgar sobre isso na internet. Alguns desses são: repasses de recursos feitos e recebidos pelo órgão, despesas, informação de licitações (realizada ou em andamento) com editais, resultados, contratos celebrados e etc....

Cada poder em cada esfera é quem decide se divulgação de dados (nomes, cargos, salários) de servidores públicos é obrigatória ou não. No executivo federal, é obrigatória a divulgação do salário e dos benefícios (ajudas de custo, por exemplo) recebidos pelos servidores, por nome, cargos e função. (FORUM DE DIREITO DE ACESSO A INFORMAÇÕES PÚBLICAS 2014 p. 13)

Segundo Atoji (2017) “para o jornalismo investigativo é bastante amplo, só nas questões de obrigar um meio público a divulgar certas informações que são de interesse geral como licitações, contratos, execução orçamentaria os gastos. ” Esses acessos servem para iniciar uma matéria que pode se tornar uma grande reportagem investigativa.

3.4 Livro-reportagem

Realizar jornalismo investigativo hoje, não é tanto como era antes devido aos cortes dessa categoria nas redações, por motivo do tempo e dinheiro que se gasta em apurar fatos e realizar uma grande reportagem investigativa. Segundo Belo (2013, P.14) “as alegações são quase sempre as mesmas: falta de tempo e dinheiro para investir na

apuração, espaço para publicar e leitores dispostos a digerir reportagens longas”. Desse ponto de vista as redações não investem tanto em reportagens de profundidade.

Existe dificuldade de conseguir financiamento nas redações para esse tipo de jornalismo. Belo (2013, P.14) comenta que “Olhando por esse ângulo, fica fácil perceber que a dificuldade por que passa a mídia impressa no Brasil – e em parte do mundo é menos uma crise de comunicação escrita do que um problema de identidade”. Por esse motivo o jornalismo de investigação vem perdendo espaço dentro de instituições jornalísticas, ou seja, é dificultoso encontrar espaço no jornal impresso para escrever grandes reportagens.

O jornalista é um sujeito que trabalha obedecendo a pautas, prazos e pesquisa que exige tempo e tem resultados incertos. “Empresas jornalísticas frequentemente resistem à ideia de deslocar um profissional do trabalho rotineiro para um processo de investigação” (LAGE, 2004 p.136).

Com isso, alguns jornalistas trilham outro caminho, muitos ficam descontentes com as redações e decidem trilhar sozinho no trabalho jornalístico. “Passam a colaborar com algumas publicações, a produzir publicações institucionais e a, eventualmente, produzir livros- reportagem” (BELO, 2013 P. 17).

Essa alternativa possibilita aos repórteres praticar os conceitos e técnicas do jornalismo investigativo, inserindo-as em um livro – reportagem, pois o Jornalista desta categoria geralmente busca coletar o máximo de dados possíveis quando está realizando uma reportagem do jornalismo convencional, porque depois pode utilizar desse material para escrever um livro.

Muitas vezes, ao fazer uma reportagem aprofundada, investigativa ou interpretativa, o repórter vai colhendo, ao longo do processo de captação de informações, material documental precioso, que pelas limitações de espaço impostas pelo jornalismo seria impossível incluir na edição de

um jornal. Nesses casos, uma das soluções encontradas pelos repórteres investigativos, para não perder o material coletado e ainda ter chance de mostrar o tema de forma mais aprofundada, é publicar a história em livro-reportagem. (SEQUEIRA, 2005, p.52)

O livro-reportagem então pode ser “sim e não”, um tipo diferente de jornalismo. Segundo Belo (2013 p. 41) responde-se, “sim e não” porque, “a reportagem em livro tem claras diferenças em relação ao modelo praticado hoje pela mídia imprensa brasileira.” Então tem possibilidade de usar técnicas jornalísticas com aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. Ainda para Belo (2013 p. 41) “quanto o conceito de livro-reportagem guarda uma ligação estreita com a concepção de jornalismo. Em especial com o jornalismo, ‘de profundidade’, mais crítico e analítico”. Um livro reportagem não substitui nenhum meio de comunicação, entretanto adequa-se como complementação a todos.

Historicamente, antes da expressão “jornalismo investigativo” chegar ao Brasil, já havia antecedentes. Ainda não era o jornalismo investigativo em si. Uma das primeiras reportagens em série, realizada com grande profundidade, durante a Guerra de Canudos (1893 – 1897) na Bahia, nordeste do Brasil. Segundo Belo (2013, p.30) é considerada “o primeiro exemplar de gênero digno do nome é, claro bem anterior a isso, Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi esculpido em 1897 como série de relatos para O Estado de São Paulo”.

A reportagem mostrava que Canudos era de um vilarejo fundado por Antônio Conselheiro e as pessoas que o seguiram foram morar naquele local, em situação precária. Explica Belo (2013, p.30) “enviado especial à zona de conflito da Guerra de Canudos, Euclides produziu uma rica e detalhada narrativa, sobre as venturas e desventuras de Antônio Conselheiro e seus parceiros no agreste baiano”. Tornou-se uma coletânea dos principais relatos da guerra, transformou-se em Livro-reportagem com sua primeira edição em 1902.

Há sempre uma preocupação do jornalista com os fatos e com a verdade, pois no livro é contada uma história de vida real, segundo Sequeira (2005 p. 56 apud Lima) “O objetivo do livro reportagem é alargar as informações para o leitor, mostrar todas as dimensões de um fato ou pessoa”, pois esse motivo muitos jornalistas e autores de livros como esses, estavam escrevendo histórias reais com profundidades, ou seja, o livro – reportagem amplia o que se escreve no jornalismo cotidiano, trás novas informações sobre um caso, e não republica o que foi escrito no jornal.

O livro-reportagem não tem uma data específica do seu início, entretanto começou a ganhar força como sub. gênero da literatura na Europa do século XIX. O jornalismo ainda não era profissional neste momento da história, mas era uma atividade para muitos que se sustentavam desse trabalho. Segundo Belo (2013, p.19) “parte dos jornais nem sequer publicava reportagens: páginas e páginas eram preenchidas com artigos, ensaios, editoriais e até literatura”, ainda não se diferenciava a literatura do jornalismo.

A partir deste momento ocorreram muitas mudanças na história e no jornalismo, logo após a II Guerra Mundial. Belo (2013, p. 23) comenta que “O conflito que mudou o mundo alterou também o jeito de fazer jornalismo”. Iniciou-se uma nova forma de escrever grandes relatos de reportagem em livros jornalísticos de forma literária, entretanto com profundidade. Quando encerrou a guerra em 1946, ano seguinte ao encerramento da II Guerra Mundial, o jornalista John Hersey recebeu a incumbência de descrever como sobreviveu a população da primeira cidade atingida por uma bomba atômica, Hiroshima. E o material foi transformado em um livro-reportagem chamado “Hiroshima”, um ano depois. Outros grandes jornalistas que escreveram livros dessa forma partir desse momento foram: Truman Capote, Tom Wolfe, Norman, Mailer e Gay Talese.

Nos tempos atuais, devido à crise nos últimos anos, as redações recomendam aos repórteres fazerem reportagens que não sejam longas nos jornais convencionais, e os jornalistas que são apaixonados e loucos por histórias reais para contar recorrem ao livro-reportagem como alternativa.

Quem investe em livro reportagem no Brasil o faz em nome de um jornalismo mais vibrante e ao mesmo tempo mais inspirado e criativo do que o praticado na média do dia a dia das redações. O faz por amor a reportagem e pela necessidade de contar histórias que atualmente não cabem em outros veículos- por força de limitações técnicas ou das circunstâncias. (BELO, 2013 p.36)

Os repórteres fazem uso das técnicas de investigação jornalística em livro-reportagem. Segundo Lage, (2004 p. 138, 139) “O resultado de produção de textos extensos que eventualmente não cabem em veículos jornalísticos convencionais. Costumam a ser publicados, então, na forma livros ou documentários em vídeo”.

Os jornalistas não escrevem em um livro como fazem uma matéria no jornal diário ou semanal. Eles mudarão a maneira de escrever. Por essa razão, reportagens publicadas em séries para jornal impresso ou telejornal podem se tornar livros-reportagem.

Diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias. No caso específico da violência, houve uma banalização tão grande, nos anos recentes que em muitos casos o tema já não é mais notícia. Mas a cobertura da imprensa, de modo geral – do noticiário local à política, do esporte à economia – tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos. (BELO, 2013 p.14)

4 ANÁLISE

O presente trabalho fez uma análise sobre o livro reportagem “Celso Daniel - política, corrupção e morte no coração do PT” escrita pelo jornalista Sílvio Navarro¹³, entre a reportagem do jornal Folha de São Paulo “Celso Daniel 10 anos sem solução”, realizada pelo mesmo jornalista. Analisou se a reportagem do jornal ou no livro-reportagem houve, sim ou não, uso das técnicas do jornalismo investigativo.

O caso ocorreu dia 18 de janeiro de 2002, Celso Augusto Daniel¹⁴ do partido dos trabalhadores (PT) era naquele momento prefeito da cidade de Santo André (Grande São Paulo). O fato aconteceu em uma noite que ele estava jantando no restaurante e quando terminou o jantar, saiu e no caminho ainda próximo ao estabelecimento seu carro foi cercado por uma quadrilha e o seu ex- segurança “Sombra” não conseguiu ajudá-lo. Celso foi sequestrado e depois de alguns dias, o encontraram morto dia 20 de janeiro de 2002, em Juquitiba, interior de São Paulo, e até o ano de 2010, sete pessoas que estavam ligadas ao assassinato morreram. Na primeira parte do livro inicia com relato sobre o sequestro, o momento em que acharam o corpo do prefeito e logo após começaram as investigações e chegaram à quadrilha da favela pantanal que se localiza em uma área de manancial na divisa de zona sul de São Paulo com o município de Diadema na região do ABC Paulista.

¹³ Jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo. Foi repórter do jornal Folha de S.Paulo em Brasília e na capital paulista por doze anos. Desde 2012, é editor da Veja. Âncora da Jovem Pan. Autor de “Celso Daniel: Política, corrupção e morte no coração do PT” (Record, 2016).

¹⁴ Nascido em 16 de abril de 1951, na cidade de Santo André, Celso Daniel estava divorciado e tinha no basquetebol um de seus hobbies. Nas horas vagas, era jogador da equipe de veteranos da Pirelli. Prefeito de Santo André por oito anos foi reeleito com 70,13% em 1999. Celso havia cumprido mandato na prefeitura de 1989 a 1992, de 1997 a 2000 e de janeiro de 2001 até a fatídica noite em que foi sequestrado na cidade de São Paulo.

Sérgio Gomes da Silva apelidado por 'Sombra' e amigo de Celso que também era ex-segurança, que depois se tornou empresário no ramo de transporte público no Brasil, estava acompanhando-o no jantar, ele passou a ser investigado, pois tornou-se um dos suspeitos da morte do Celso Daniel, porque era único que estava no carro no momento do acontecido.

Celso Daniel se tornou prefeito em Santo André em 2000 era o seu segundo mandato, ele foi reconduzido ao cargo, com 70,13% dos votos e foi em pouco tempo que se tornou o homem de confiança do Partido dos Trabalhadores. Foi qualificado como o prefeito modelo pelo membro mais importante do partido Luís Inácio Lula da Silva e Celso foi o escolhido para ordenar a campanha do ex-presidente da república Lula, que naquele ano (2002) estava candidato pela 4ª vez à presidência, sendo eleito naquela eleição tomou posse da presidência em 2003.

Logo após a morte de Celso o partido dos trabalhadores reagiu rápido dizendo: "imediatamente lançaram mão do discurso de que se tratava de um crime político, contra o partido, por causa do calendário eleitoral que se aproximava" (NAVARRO, 2016 p.39).

Foram idas e vindas ao caso de Celso Daniel, muitas pessoas que, de alguma forma estiveram envolvidas no caso ou perto de falar o que aconteceu, pois sabiam de alguma coisa, morreram sem nada a dizer. No livro Sílvio conta com detalhes no capítulo que fala sobre as mortes misteriosas.

Na reportagem "Celso Daniel 10 anos sem solução", foi uma matéria que o mesmo jornalista do Livro fez quando o caso completou 10 anos e todos esses anos sem uma solução, despertou o jornalista para ir mais fundo no caso, então tudo começou com essa reportagem especial no Jornal Folha de São Paulo. "A ideia de produzir este livro nasceu em janeiro de 2012, quando escrevi uma reportagem para o

jornal Folha de São Paulo, publicada num domingo, 15, que anunciava os dez anos da nunca explicada morte do prefeito de Santo André” (NAVARRO, 2016 P. 223).

4.1 Análise do livro-reportagem “Celso Daniel: política, corrupção e morte no coração do PT”

O presente trabalho analisou as técnicas do jornalismo investigativo no Livro–reportagem “Celso Daniel política, corrupção e morte no coração do PT”, e com base na entrevista de realizada como Jornalista e autor da obra Sílvio Navarro e dos conceitos teóricos pontuados nos capítulos anteriores, por exemplo, um dos conceitos são dois tipos de jornalismo, o investigativo e o interpretativo.

Dines chega a relacionar os dois tipos de reportagem, ao afirmar que o investigativo não é apenas jornalismo de sensações ou de escândalos, pois ambos – o interpretativo e o investigativo – tem a função de inquerir sobre as causas e origens dos fatos, buscando também a ligação entre elas, para oferecer a explicação de ocorrência. (DINES 2005 citado por SEQUEIRA 2005, P. 22)

O significado do jornalismo de investigação e o de interpretação é explicado por outro teórico. Segundo Lage (2001 p. 136,137) o jornalismo interpretativo “consiste, em grosso modo, no tipo de informação em que se evidenciam consequências ou implicações dos dados”, ou seja, a interpretação oferece ao leitor os fatos que permitem eles mesmos “estabelecer conclusões – sem fechar essas conclusões”, isso quer dizer que, a explicação do caso com relatos dos fatos dará o direito do leitor formar sua própria opinião. O jornalismo investigativo é aquele que decorre de vários fatores. Um deles é “se existem documentos disponíveis ou fontes que possam ser acessadas”. Outro “é realizar o plano, ouvindo fontes e consultando documentos”, ou seja, “trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona” (LAGE 2001, P. 138)

Com base nessa explicação, pode-se dizer que o livro do Caso Celso Daniel tem jornalismo interpretativo como também tem jornalismo investigativo, pois os dois podem atuar juntos, Sequeira (2005, p. 29) diz que “a reportagem investigativa interpretativa requer as mesmas habilidades de iniciativa do jornalista”, porque ele precisou pesquisar dados, relatou o caso, foi a fundo e juntou cada peça da história com depoimentos não relatados em uma reportagem convencional. Por outro lado, também pode ser considerada uma reportagem interpretativa porque implica em dar o direito ao leitor de tirar sua própria conclusão. Como Navarro diz no seu livro “com um ritmo que só uma completa e precisa articulação de informações alcança todos os elementos para que encontremos a leitura, o caminho, a verdade. Está mesmo tudo aqui, leitor” ele diz no final da frase o ‘resto é com você’. Ele narra e explica os fatos com detalhes cabe ao leitor interpretá-la. Como ele mesmo diz em entrevista “a ideia é levar você chegar a sua própria convicção”. É também investigativo porque ele busca apuração de documentos e fontes, como o autor diz: “22 mil páginas de processos judiciais e a buscar todos os documentos possíveis, além de localizar personagens” (NAVARRO 2016, P. 11), ele buscou entender cada um dos personagens.

Foi um trabalho longo, desses quatro anos eu recolhi materiais de reportagem e um amplo trabalho de pesquisa de vários colegas nossos de profissão e fui à busca em campo para fazer as investigações e buscar o caso físico, os papéis, mesmo do Celso Daniel. (NAVARRO, 2017)

O livro conta como aconteceu cada detalhe do caso Celso Daniel. Sobre os sequestradores que o levaram. Navarro comenta sobre a investigação realizada neste caso. A obra detalha a história de cada sequestrador e como eles se envolveram no caso.

Em ¹⁵entrevista Navarro disse que “e a partir desses documentos fui buscar as pessoas, onde elas estavam o que mais elas tinham para contar, por exemplo, a quadrilha da favela pantanal”. Então o jornalista não ficou somente nos documentos, porém foi a campo em busca das fontes, Navarro comenta que não foi possível falar diretamente com a quadrilha da favela pantanal, segundo o autor os integrantes estão presos e alguns morreram, mas o autor conseguiu falar com pessoas, parentes, que os conheciam.

O autor usou técnica de buscar fontes, cruzamento de dados, e não ficou somente nos papéis como diz Lage (2001 p. 62) “As fontes podem ser mais ou menos confiáveis (confiança, como se sabe, é coisa que se conquista), pessoais, institucionais ou documentais”. O jornalista usou essas fontes oficiais que são “mantida pelo estado, por instituições, empresas e organizações”. Para escrever o livro, ele usou também de fontes informativas que são as testemunhais como a própria palavra explica “o testemunho é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva.” Ou seja, é o que a pessoa vivenciou ou presenciou sobre um acontecimento. A testemunhal é uma fonte mais confiável e mais imediata, pois traz relatos da própria memória da pessoa. Navarro (2017), também explica sobre as fontes que entrevistou para apuração dos fatos. Em relação às fontes políticas, principalmente com personagens do PT (partidos dos trabalhadores) ele diz “eu recebi, muito mais porta na cara, do que porta aberta”. Outros personagens entrevistados que são as fontes testemunhais aceitaram fazer a entrevista. Navarro (2017) falou “então é assim os personagens, são isso. Algumas pessoas não quiseram me atender; e outras foram muito solícitas comigo, algumas por que tem interesse que esse caso seja solucionado”.

O autor fez entrevistas com fontes importantes para montar o quebra-cabeça da história. A entrevista também é considerada uma técnica que é usada para todos os

¹⁵ ENTREVISTA CONCEDIDA NAVARRO (2017) – APÊNDICE I

tipos de jornalismo, entretanto o investigativo usa com profundidade de sua fonte. Segundo Lage (2001, p. 73) o significado da palavra entrevista é: “a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo. b) uma conversa de duração variável com um personagem notável ou portador de conhecimento ou de informações de interesse para o público; c) a matéria é publicada com as informações colhidas em (b)”. Um dos tipos de entrevistas que existem é a testemunhal que foi muito utilizada por Sílvia Navarro. De acordo Lage (2001, p. 75) “Trata-se do relato do entrevistado sobre algo que ele participou ou assistiu. A reconstituição do evento é feita ali, do ponto de vista particular do entrevistado”. No livro, o autor conta da irmã de um dos sequestradores Ivan Rodrigues da Silva, que narra sobre o seu irmão estar envolvido neste caso.

Era um bom exemplo de como uma família pode tomar caminhos opostos: a irmã, Evandra Rodrigues da Silva, entrou para a polícia militar e integrava 22º batalhão metropolitano quando soube do sequestro de Celso Daniel, e ela disse – ‘Ele escolheu ser bandido, eu escolhi a polícia’ – lamentou a soldado da PM. (NAVARRO 2016, P. 47)

Sua mãe também lamentou, pois “teve que arcar com o constrangimento de explicar um telefonema feito de sua casa, num bairro humilde de São Bernardo do campo, para bandidos”. Navarro fala mais sobre as entrevistas e depoimentos que nunca foram procurados:

Também tem vários documentos que mostraram depoimentos que nunca haviam sido visitados, nunca haviam sido remexidos e eu consegui esses documentos. Eles já tinham fixa criminal muito grande, então tentar descobrir qual eram os crimes, a relação que eles tinham com a família foi um trabalho bem legal, árduo demais, muito difícil, mas a parte mais difícil mesmo, foi ir aos lugares aonde eles viviam, a própria Favela Pantanal. (NAVARRO, 2017)

Navarro (2016 p. 43) conta que “por caminhos diferentes, os investigadores chegariam à favela Pantanal localizada na divisa da Zona Sul de São Paulo com o município de Diadema” foram cinco sequestradores. A investigação chegou a Quadrilha

da Favela pantanal devido às marcas de digitais encontradas no carro do Prefeito de Santo André, deixadas por descuido de um dos meliantes envolvido no sequestro. O livro comenta que o motivo pelo que aconteceu foi devida a esse sequestrador abrir a porta do carro antes da hora, tropeçar e cair na frente da Pajero onde se encontrava Celso Daniel, “depois estapeou com a mão burra no veículo, deixando as digitais no vidro. (Essas marcas, aliás, levariam a polícia a descobrir a quadrilha) ”. (NAVARRO 2016 P.58).

Em um livro – reportagem há uma necessidade muito grande de pesquisas para ter uma averiguação jornalística. As técnicas do jornalismo em geral são muitas parecidas, porém há um diferencial do uso delas no jornalismo de investigação, o tempo de duração e a circunstâncias como ela é realizada.

O diferencial do jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, suas extensões noticiosas e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sobre pressão. (FORTES 2005, p.31)

Ainda para Fortes (2005, p.31) a investigação, o aprofundamento e a apuração de um caso precisam de perseverança e concentração, inclusive essa é uma das fases do trabalho jornalístico de investigação “porque uma boa investigação é demorada e, normalmente, recheada de documentos, dados estatísticos, legislações e código de onde se tira o extrato necessário para a notícia”. Ele continua dizendo que não é somente de fontes ou de documentos que se consegue informação, “mas do cruzamento de vários deles”. (FORTES 2005, p.31). Então o que o jornalista Navarro (2017) realizou foi uma grande apuração principalmente com os personagens da Favela Pantanal. Os sequestradores, ele diz: “Esse lado de procurar as pessoas da favela Pantanal, por exemplo, eu fiquei obcecado para descobrir quem eram aquelas pessoas, de onde veio, qual era a história deles” Em suas notas, Navarro (2016, p.223) também falou a respeito da pesquisa realizada para o livro: “foram anos amalhando papéis,

relendo milhares de páginas de processos, reportagem de colegas da profissão e as minhas próprias, visitando arquivos e delegacias e procurando entender cada um dos personagens.” A intenção do jornalista era juntar as peças que se tornou num quebra-cabeça. Então aqui o que se pode observar é o uso das técnicas de pesquisas e apuração dos fatos, no processo dele fazer o livro-reportagem.

Sobre o termo jornalismo investigativo, Fortes (2005, p.12) diz que este título se tornou “utilizado para agregar glamour à profissão. O termo ‘jornalismo investigativo’ é muito mais uma marca que um conceito”. Ou seja, uma investigação jornalística é um conceito que se dá ao jornalismo, diferente do convencional, e demanda mais tempo que o comum, pois é um processo de apuração. O jornalista comenta também sobre isso:

Eu concordo o jornalismo já tem investigação por si só, é dever do jornalista investigar, é dever checar, apurar os fatos. A gente tem que pensar que essa é a era do ¹⁶*Fake News*, notícia falsa, em que as pessoas se informam por coisas que leem no Facebook e não checam, espalham isso e geram correntes de mentiras. (NAVARRO 2017)

O que o jornalista acredita é que o jornalismo investigativo é mais um rótulo ou uma marca como Fortes comenta, ou seja, grandes coberturas nas mídias são realizadas e os jornalistas se rotulam como investigativos. Navarro (2017) diz que deveria se chamar “é cobertura jornalística de folego”. Um dos teóricos diz sobre mesmo assunto, segundo Fortes (2005, p. 78 apud Mirelles) “Jornalismo investigativo é um conceito controvertido. Por exclusão, não se trata apenas de nova e mais charmosa roupagem da velha reportagem policial, no passado uma grande escola de jornalismo”

¹⁶<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-News.htm> A divulgação de notícias falsas, conhecidas como *Fake News*, pode interferir negativamente em vários setores da sociedade, como política, saúde e segurança.

Como essa área do jornalismo investigativo se tornou um campo grande de atuação o nome mais específico é “cobertura mais aprofundada dos poderes”, que seria praticamente o mesmo entendimento de Navarro, resumindo eles preferem que chamem o jornalismo investigativo de jornalismo com mais profundidade ou de mais folego em suas coberturas.

O livro mostra a profundidade de Navarro em suas pesquisas e apurações. A informação que o livro chegou à favela pantanal através de uma fonte misteriosa que fez uma ligação para Rádio Jovem Pan. Foi anônimo, “mas sob cláusula de sigilo máximo dentro da emissora”, pois a fonte era uma funcionária, moradora da Pantanal. Aos poucos, a polícia chegou aos bandidos que mataram o prefeito de Santo André os prenderam.

A história do caso Celso Daniel continua com as investigações policiais, em relacionar o relato dos três principais bandidos da quadrilha, pois o depoimento deles estava confuso porque os relatos não eram iguais, cada um falava uma versão do acontecido diferente do outro. Para a polícia, a possibilidade de ter sido um crime político estava fora de questão, mas para os partidos dos trabalhadores era crime político por causa do calendário eleitoral que estava próximo. No entanto, a polícia não imaginava que ao decorrer dos anos o caso seria revisitado dezenas de vezes, pela própria polícia e mesmo por uma CPI no Congresso Nacional. A família do prefeito, também não aceitou a conclusão da polícia. As investigações deste caso sempre retornavam em algum ponto.

A polícia interrogou o motorista de Celso, que era Sérgio Gomes da Silva apelidado por Sombra, que, além disso, era amigo dele. Eles jantaram num restaurante, poucas horas antes do sequestro. Navarro em suas pesquisas descobriu os documentos que relatavam o depoimento Sérgio Gomes. O que ele disse não estava de acordo com o que a quadrilha informou. Por esse motivo Sombra se tornou o principal

suspeito do crime. Segundo Navarro, (2016 p. 98) “Após longa espera, seis dos setes acusados pelo ministério público foram julgados, condenados e estão presos. Sérgio Sombra, a exceção, passaria apenas sete meses detido. ”.

Sérgio, o Sombra foi acusado de ter participação no crime, pois estava com Celso no dia e hora do acontecido e não se esforçou em ajudá-lo. O jornalista diz que não conseguiu nenhuma entrevista com ele até o término do livro-reportagem. Nem outros jornalistas obtiveram este resultado de conversar com o Sombra, porque ele desde o sequestro sucedido de morte, não contou nada sobre este caso para mídia, somente uma entrevista coletiva logo após o ocorrido.

Mas o principal entrevistado do livro não aceitou dar entrevista para eu, que é o Sérgio Gomes da Silva, o Sombra, acusado de ser o mandante, durante todo tempo. O contato que eu tive para chegar nele foi um contato oficial, por meio do advogado dele. (NAVARRO, 2017)

O único que poderia falar com mais profundidade sobre o caso Celso Daniel, Sérgio, morreu no ano 2016. Navarro já tinha lançado a primeira edição do livro, porém, disse que logo depois, ainda no mesmo ano precisou lançar a segunda edição para colocar sobre a morte de Sérgio, o Sombra.

Segundo Navarro (2016, p.227) “Sérgio Gomes da Silva morreu, vítima de um câncer, em 27 de setembro de 2016, uma semana depois da primeira edição deste livro ser impressa”. Ele nunca disse nada sobre o crime e também não foi para júri popular.

No livro Navarro conta que o caso de Celso Daniel continuou sendo revisitado, por motivo das mortes misteriosas ocorridas no decorrer dos anos. Ele relata sobre cada pessoa que faleceu depois do crime ocorrido com Celso. Elas eram de alguma forma relacionada ao caso do prefeito de Santo André, porém, nenhuma ligação foi comprovada verificadamente, mas se ocorreram, é porque talvez tinham algum envolvimento no Caso Celso Daniel.

A polícia dava o sequestro e o assassinato do prefeito como equacionadas. Nos últimos catorze anos, no entanto, uma série de mortes faria com que o caso de Celso Daniel – repisado em diversas frentes de investigações – se convertesse num roteiro de cinema. (NAVARRO 2016, p. 101)

Navarro começou a pesquisar sobre as pessoas que morrem de alguma forma e um dos primeiros personagens que faleceu foi o garçom que serviu a mesa do Celso no restaurante. O resultado da investigação policial foi que isso aconteceu devido à tentativa de latrocínio, após tentarem roubar a moto do mesmo. Porém, há uma controvérsia, pois, logo após o assassinato do prefeito ocorreu uma conversa gravada pela polícia Federal, entre Sérgio Sombra e Klingler Luiz de Oliveira Souza, na época secretário de serviços municipais da prefeitura de Santo André. O jornalista relata em seu livro que essas escutas deveriam “ter sido destruídas a mando da justiça e de que este livro tratará detalhadamente adiante.” (NAVARRO 2016 p. 103). Ainda, Navarro (2017) comenta, que em sua pesquisa e checagem, ele descobriu as conversas dessas escutas e no livro ele trata com detalhes. “Eu fiz descoberta autônomas também, como: documentos e algumas ligações. O livro traz escutas, algumas delas inéditas relacionadas ao caso”. Isso só ocorreu fruto de uma apuração de profundidade, por este motivo pode se observar no livro-reportagem o uso das técnicas usadas em jornalismo investigativo.

Na conversa entre os dois, Klingler perguntava para o Sombra se ele se lembrava do garçom e se era o mesmo de sempre. Ele respondeu que era o mesmo de sempre, e perguntou se ele estava na mesma mesa de sempre que era no canto. Sombra respondeu que sim. Um homem chamado Paulo Henrique da Rocha foi o único que viu o garçom ser morto. Ele era a única testemunha ocular para saber como aconteceu a morte do garçom chamado Antônio, mas Rocha também foi morto. Além dessa, Navarro relata, com pesquisa e apuração profunda todas as outras mortes.

Uma morte realmente misteriosa narrada no livro foi a do Dionísio de Aquino. Navarro (2017) conta que somente nas pesquisas realizadas em uma parte dos documentos foram “mais ou mesmo umas mil páginas” todos “estão em Brasília no Supremo e ainda tem o inquérito policial do Dionísio Aquino severo esse é o bandido que foge de helicóptero, esse capítulo do livro é uma história por si só fantástica”.

De acordo com o autor Dionísio estava preso e no horário de almoço, quando ouviu um barulho de helicóptero, e fugiu da penitenciária. Quem o ajudou a fazer essa fuga da prisão foi seu filho R.T, menor de idade, que na ocasião dirigiu-se até o Campo de Marte em São Paulo, alugou junto com o amigo maior de idade um helicóptero.

Quando eles já estavam sobrevoando, os rapazes ameaçaram com armas o piloto para prosseguir até o presídio que estava seu pai, Dionísio. Como o autor comenta “três minutos depois de sair do solo, sacaram armas e ordenaram que o helicóptero baixasse no presídio de Guarulhos.”.

Logo após sua fuga ele se escondeu na casa de sua tia. Segundo o depoimento que o livro-reportagem relata, a tia disse que ouviu uma conversa dele com alguém no telefone dizendo que ele pegaria um “peixe grande” isso à tarde de 17 de janeiro de 2002. Era um dia antes da morte de Celso Daniel. Meses após a fuga de Dionísio, planejou um assalto nos bancos do Nordeste. Ele conseguiu assaltar, porém quando chegou à sua casa em São Paulo, a polícia o estava esperando. Logo em seguida, ele já começou a falar para o delegado que o capturou que “assinaria a bronca de Celso Daniel”, mas se a polícia liberasse a esposa, porém isso não ocorreu, pois eles pegaram o depoimento dela também.

No depoimento de Dionísio dia 07 de abril de 2002 ele desabafou e disse quase tudo que sabia. A primeira pergunta do delegado foi sobre a sua participação no assassinato do prefeito Celso Daniel. Então ele disse que não sabia de nada, somente

contou uma parte, em depoimento disse que havia conhecido o Sombra. O relato dele terminou dizendo que tinha mais coisas, porém só falaria em juízo, mas isso não ocorreu, devido sua morte dentro do Centro de Detenção Provisão I do Belém, capital de São Paulo, em 10 de abril de 2002. “Segundo a Polícia Civil de São Paulo, a morte de Dionísio não teve relação com o assassinato de Celso Daniel. A investigação concluiu que Cesinha, fundador do PCC, ordenara o homicídio.”. (NAVARRO 2016 P.143). Romeu Tuma Júnior era o delegado da seccional de Taboão da Serra. Ele com sua equipe investigou o caso por um tempo longo e acreditavam que a história de Dionísio precisava ser investigada. Ele considerava que essa história estava mal contada e foi a primeira queima de arquivo do caso Celso Daniel.

Esta investigação é a que chega mais perto de descobrir o que aconteceu no dia da morte do prefeito, Navarro conta com detalhes mostrando a longa apuração e exemplifica com as fontes que buscou. Um jornalista investigativo e também um dos teóricos diz sobre o repórter dar atenção aos elementos que podem ser transformar em uma investigação jornalística.

Uma atenção especial a todos os tipos de documentos disponíveis, inclusive públicas. Relatórios anuais de empresas, certidões, registros de imóveis, contratos, processos judiciais transitados em julgados, sites de internet, caderno de revista e jornais tudo isso pode trazer informações surpreendentes em uma investigação jornalística. (FORTES 2005, P. 29)

O teórico fala para os jornalistas dar atenção ao tipo de material recolhido, como Navarro fez, por exemplo, ele pesquisou todos os materiais recolhidos, depoimentos, processos judiciais das pessoas que morreram e forma como estavam envolvidas no caso, ele disse que buscou o caso físico no papel para depois localizar as fontes. De acordo com Navarro (2017) “tempos de pesquisas, investigação atrás de documentos, localizarem os personagens para depois recolher informações sobre eles”. Navarro fez

pesquisa em jornal, Internet, conseguiu relatar conversa de escutas escondidas pela polícia, tudo isso trouxe grande informação para ele contar este caso.

O parecer geral de Navarro (2017) sobre o Livro-reprotagem ser amparado em documentos que narram biografias dos personagens e se aprofunda no caso para dar entendimento as pessoas, diz que “foi à forma como eu quis fazer porque eu acho que seria a forma mais honesta de tratar essa história em documentos para que não

4.2.1 Análise comparativa da reportagem “Celso Daniel: faz 10 anos sem solução”

O livro–reportagem de Celso Daniel nasceu de uma reportagem do Jornal Folha de São Paulo chamada “Celso Daniel 10 anos sem solução”, do dia 15 de Janeiro de 2012, escrita pelo mesmo jornalista, Sílvio Navarro que na época era repórter neste jornal. Na entrevista realizada com Sílvio Navarro explica como foi inspirado a escrever o livro, “a ideia de escrever esse livro surgiu quando o caso Celso Daniel completou dez anos, eu trabalhava no Jornal folha de São Paulo no ano de 2012, eu escrevi uma matéria que está até citada no livro um pedaço dela nas considerações finais” (NAVARRO, 2017), e nas últimas páginas de seu livro, também faz o mesmo comentário dizendo: “no próximo dia 20, a morte de Celso Daniel completará dez anos à espera de desfecho na justiça. Ao longo da década, o crime adquiriu contornos de novela policial” (NAVARRO, 2016, P.223). Até aquele momento (2012) que o jornalista realizou a reportagem especial, o caso Celso Daniel, não apontou nenhum desfecho e por esse motivo, usou todo o material que já tinha colhido para produção da reportagem, e, se debruçou em buscar mais documentos, fontes e tudo o que precisava para redigir o Livro–reportagem deste caso.

Com todo Material que ele juntou, pesquisou e se aprofundou depois desta reportagem se colocou como um repórter investigativo, e apesar do mesmo, não gostar deste título. Como citado anteriormente, prefere dizer que realizou uma cobertura jornalística de folego. Sequeira (2005, p.80) diz sobre as rotinas de um profissional do jornalismo, que muitos repórteres investigativos abordam temas que em grande parte são informações de difícil acesso à sociedade, ou seja, “e quem detém quer deixá-la fora do alcance do grande público”.

Com base nas rotinas de trabalho dos repórteres investigativos, pode-se concluir que, se cada reportagem investigativa é única e necessita de técnicas e metodologia própria durante uma apuração cada repórter é único, na sua forma de avaliar e se relacionar com suas fontes. (SEQUEIRA 2005, p.79,78)

Sílvio criou sua própria metodologia de pesquisa e apuração dos documentos quando fez a reportagem no jornal Folha de São Paulo de uma maneira e no livro-reportagem de outra, com certeza mais aprofundada.

Segundo Navarro (2017) “foi um trabalho longo e durante esses quatro anos eu recolhi materiais de reportagem, um amplo trabalho de pesquisa de vários colegas nossos de profissão e fui à busca a campo fazer as investigações”. Então ele usou de suas próprias técnicas, porque o repórter também cria seus métodos, mas sempre se utiliza princípios do jornalismo, que é apuração, cruzamento de fontes e entrevistas. O repórter Percival de Souza¹⁷ comenta sobre uma reportagem investigativa e também sobre livro-reportagem, pois é autor de vários livros-reportagem que nasceram a partir

¹⁷ Percival de Souza é um escritor e jornalista investigativo brasileiro. Ele nasceu em Braúna, em São Paulo, no dia 17 de outubro de 1943. É conhecido nacionalmente pelo seu trabalho como comentarista atualmente do Cidade Alerta, da Record. <https://biografiadosfamosos.com/biografia-percival-de-souza/>

de matérias que ele publicou em jornais. Porém, quando ele publica uma matéria no jornal, ele cria outra história daquele mesmo caso em um livro reportagem, isso porque existem limitações de espaço no jornal, “costumo construir outra história, que nada tem a ver com a reportagem, a não ser o tema, e publicá-la num livro reportagem” (SEQUEIRA 2005, P. 53 apud SOUZA). Sobre reportagem, ele explica que:

“uma reportagem pode nascer a qualquer momento, oriunda de um fato que lhe chame atenção, de personagem forte ou, ainda, da vontade de denunciar uma injustiça ligada a qualquer área – policial, política, econômica”. (SEQUEIRA 2005, P. 115 apud SOUZA). A reportagem no jornal “Celso Daniel - 10 anos sem solução”, de Sílvio, nasceu assim como diz acima, um personagem forte, que no caso era Celso Daniel, de um fato que ocorreu na área da política e que chamou a atenção de Navarro, porque foi um caso sem uma conclusão por dez anos. Para Percival, o repórter deve coletar o máximo de materiais quando está fazendo uma reportagem, porque, mesmo que não caiba tudo em um jornal diário ou semanal, ele pode utilizar o que coletou para escrever um livro – reportagem do caso, e o que ele fez para escrever os seus livros reportagens.

Na visão de Percival de Souza, o Livro – reportagem “da obra do profissional de jornalismo uma nova dimensão”. Por isso, ele não se preocupa, durante uma investigação jornalística, com a quantidade de dados que ele vai coletando, pois, na maioria das vezes ao sair para uma nova pauta, há sempre uma expectativa de escrever um livro. (SEQUEIRA, 2005, p.52 apud SOUZA).

Sílvio explica que “é um trabalho mais profundo e mais dedicado por que, a notícia nunca ocorre e termina naquilo que você lê no jornal, ali é um iniciador, mas não termina ali” (NAVARRO, 2017), ou seja, são grandes casos que muitas vezes envolvem crimes de corrupção, assassinato ou até mesmo os dois juntos como no caso de Celso Daniel. Então esses casos precisam continuar em um livro– reportagem, para melhor serem explicado. Navarro (2017) comenta “esse é um livro que tem duas pernas uma perna policial e outra política”, ou seja, precisava entender qual era o jogo político

naquela época (2002) e qual era o envolvimento das pessoas no caso, Sílvio explica que isso é investigação e não somente ficar com a investigação que a polícia fez.

Qual eram os interesses dos envolvidos, quem era os personagens, isso é investigação em cima de política e não investigação de polícia não é só dizer quem matou, mas era também você tentar entender o Celso Daniel, quem as eram as pessoas que cercava ele e como era a política naquela época (NAVARRO, 2017).

O teórico Lima (1995) explica que um livro-reportagem tem duas categorias e diferencia-se do jornalismo convencional. “O livro-reportagem que aproveita um fato de repercussão atual para explorá-lo com maior alcance” (SEQUEIRA 2005 P. 55), isso, quando o caso repercute na sociedade, entretanto o livro não é limitado ao atual. Podem ser temas antigos, “de modo que a partir daí trazer explicações para origens, no passado, das realidades contemporâneas” (SEQUEIRA 2005 P. 55). É na segunda categoria que o livro de Sílvio Navarro se encaixa. Ele reproduziu um acontecimento antigo e trouxe para o presente, com explicações que a sociedade não soube na época do acontecimento, pois o caso Celso Daniel chegou até a CPI dos bingos e depois na Lava – Jato.

Em base no que Lima disse, pode se dizer, Navarro escreveu um caso que aconteceu no passado em uma matéria de Jornal e trouxe para o presente registrando em um Livro – reportagem, porque não teve um fechamento e, além disso, sucedeu episódios que fez o caso Celso Daniel retornar com toda a força.

Por este motivo foi analisada a Matéria do jornal comparando com o livro-reportagem, para verificar quanto de profundidade tem ou não. O caso foi reaberto na CPI dos Bingos¹⁸ em Brasília - Distrito Federal, Navarro conta esse fato com profundidade no livro – reportagem, porém na reportagem do Jornal Folha de São Paulo

¹⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u74415.shtml>

escrita no ano de 2012, isso não seria possível, pois como foi explicado pelos teóricos, não há espaço em um jornal para colocar sobre esse assunto com detalhes. O que a matéria relata sobre a CPI dos Bingos, é isso: “o caso já foi reaberto duas vezes, investigado pelo ministério público, pela polícia civil, e até pela CPI dos bingos”.

No livro Navarro explica com profundidade sobre porque o caso Celso Daniel chegou a CPI dos Bingos. Primeiramente a CPI dos Bingos iniciou-se no final de 2005 e só terminaram em 2006. Os três homens envolvidos no escândalo de corrupção em Santo André na Gestão do prefeito Celso prestaram depoimento quando a CPI foi instalada: o Ronan, Sérgio Sombra e Klinger, que era o subsecretário na época. Eles negaram qualquer acusação que foi realizada por uma mulher chamada Rosângela Gabrilli cuja família era proprietária de uma empresa de transporte público na região de Santo André. Em depoimento ao ministério publico, ela disse que tinha que pagar uma “caixinha” para os “três mosqueiros”. Assim está citada no livro, pois Navarro detalha toda operação com transcrições de documentos. E diz que as caixinhas erram altas. Tudo isso porque os três queriam mesmo era comprar a empresa de transporte público da família dela.

Na denúncia dizia que “teria de ser recolhido um valor e que era para o Partido dos Trabalhadores” (NAVARRO 2016, p. 169). No depoimento, em novembro de 2005, Ronan, Klinger e Sombra “sempre negaram a existência do recolhimento da caixinha, conforme o termo usado” (NAVARRO 2016, P.171) e segundo Rosângela a falcatura só estancaria quando o prefeito Celso Daniel foi assassinado em janeiro de 2002.

No resumo da CPI dos Bingos, no Congresso Nacional, “em relatório do senador Garibaldi Alves (PMDB-RN) foi apontado que Celso Daniel fora vítima de crime de mando. O parecer final foi aprovado por doze votos a dois no dia 20 de junho de 2006” (NAVARRO 2016, P.175).

O caso abrangeu também até a Lava-Jato¹⁹, na 27ª Operação Carbono 14. Isso é diferencial da reportagem de Sílvio no Jornal Folha de São Paulo para o livro-reportagem, pois no livro mostra o que ocorreu na 27ª operação da Lava-Jato em 2016. O caso Celso Daniel retornou com várias perguntas, inclusive isso está narrado com detalhes por Navarro, no capítulo 'Carbono 14'.

No livro ele explica que Ronan Maria Pinto foi pego pelo Ministério Público e, apesar da condenação em primeira instância, respondeu o processo em liberdade. O juiz Sérgio Fernando Moro, da 13ª Vara Federal de Curitiba, no Paraná, responsável pela investigação da Lava-Jato aprovou o seu pedido de prisão, e remeteu ordens de busca e apreensão. Nos dois locais que Ronan frequentava, que era a sede do Jornal Diário do Grande ABC, pois ele era dono do mesmo, e também da Expresso Nova Santo André, lugares que foram investigados.

No documento que embasava a operação, Sérgio Moro determinou a coleta de material que pudesse configurar provas "relativas a prática pelos investigados dos crimes de extorsão, corrupção e lavagem de dinheiro, além de crimes que antecedem à lavagem de dinheiro". (NAVARRO 2016, P. 214)

Sílvio comenta que a força-tarefa estava investigando Ronan, pois tinha recebido um empréstimo de seis milhões de reais. E em 06 de maio de 2016, a força-tarefa da Lava –Jato, denunciou Ronan Maria Pinto²⁰ e mais oito por lavagem de dinheiro em

¹⁹ A Operação Lava Jato é a maior investigação sobre corrupção conduzida até hoje no Brasil. Ela teve início no Paraná, em 17 de março de 2014, unificando quatro ações que apuravam redes operadas por doleiros que praticavam crimes financeiros com recursos públicos. <http://arte.folha.uol.com.br/poder/operacao-lava-jato>

²⁰ O empresário Ronan Maria Pinto, condenado a 14 anos de prisão por suposto envolvimento em esquema de corrupção instalado no setor de transportes públicos de Santo André, gestão do ex-prefeito Celso Daniel (PT), executado a tiros em janeiro de 2002.

realizações de empréstimos bancários fictícios ao Banco Schahim, em 2004. Esse empréstimo uma, parte para comprar o jornal Diário do grande ABC, e outra parte para compra a Expresso Nova Santo André. Isso ocorreu devido a documentos que estavam em mãos da justiça. Segundo Navarro (2016, p. 215) “A varredura nos endereços citados levou a polícia a encontrar uma série de documentos de empresa no exterior”, Navarro comente que Ronan não tinha conta em nenhum banco no Brasil. Isso espantou os investigadores, pois tinha uma receita declarada de 16,7 milhões e usava somente cartões corporativos. Navarro comenta que o Jornal Diário do grande ABC estava investigando o Caso Celso Daniel, pois estava envolvido no esquema de corrupção que ocorreu em Santo André na Gestão de Celso e quando comprou o jornal estava realizando investigações, sobre Celso Daniel, e bem nesse período ele deu uma alavancada grande nas investigações.

Segundo Sílvio, a força-tarefa ratifica o trabalho de quase duas décadas dos promotores de Santo André sobre a investigação do desvio de dinheiro e a divisão da propina retirada dos cofres da gestão de Celso Daniel. No livro-reportagem, ele relata “que entre o final de 1997 e o começo de 2002, um grande esquema de corrupção se infiltrou na prefeitura de Santo André/SP” (NAVARRO, 2016 P. 219). Diante das acusações contra Ronan na 27ª operação da Lava – Jato, descobriu – se que poderia ser possível encontrar a resposta do caso Celso Daniel. Diante dessa investigação, o Juiz disse “É possível que esse esquema criminoso tenha alguma relação com o homicídio, em janeiro de 2002, do então prefeito de Santo André, Celso Daniel” (NAVARRO, 2016 P. 220). O fato do caso Celso Daniel, ter chegado a Lava-Jato, não está citado na matéria do jornal, pois, aconteceu alguns anos depois de Navarro ter escrito. Por este motivo esse assunto só está no livro-reportagem.

Outra comparação é que na reportagem comenta sobre sete pessoas ligadas ao caso que morreram. Na matéria do jornal está resumida assim: “setes pessoas ligadas ao caso, entre testemunhas e acusados de participação no crime, morrem no período”,

entretanto no livro-reportagem, Sílvia narra isso no capítulo das 'Mortes Misteriosas' e conta em detalhes cada uma das pessoas que morreram e o parecer da justiça, se havia ou não envolvimento com o caso.

A reportagem do Jornal cita que foram oito pessoas envolvidas no caso e foram acusadas, porém um só dos suspeitos foi julgado até aquele momento (2012), condenado e sentenciado a 18 anos de prisão. Diz assim: “dos oito acusados pelo o ministério público, somente Marcos Bispo dos Santos foi Julgado e condenado em 2010, a 18 anos de prisão”. Esse era um dos acusados da quadrinha da Favela Pantanal. No livro-reportagem narra esse fato das pessoas acusadas e da sentença de cada um, e conta com profundidade como ocorreu.

Sérgio Sombra também foi preso por oito meses, até aquele ano 2012 não tinha ocorrido o julgamento dele e era para ser júri popular. Na matéria do Jornal diz que: “o julgamento de Gomes da Silva, em júri popular previsto para este ano (2012), é o mais aguardado pela Promotoria”. No entanto, no Livro-reportagem segundo Navarro (2016, p.182) “Sombra seguiu sem ter jamais enfrentado um júri popular pelo crime de homicídio, até morrer”. Então o Julgamento tão esperado não ocorreu. Porém, Sérgio Sombra foi condenado a 15 anos de prisão em regime fechado, os promotores também o acusaram de ter facilitado o sequestro e de ser o mandante do crime.

Diante de várias apurações, que Navarro fez para escrever a reportagem do jornal, pode se comparar que ocorreu a utilização de pesquisas em base de dados. Como também ocorreu no Livro-reportagem. Os teóricos comentam de uma ferramenta muito útil no jornalismo investigativo hoje, que é a pesquisa em internet com o uso da base de dado.

Um dos teóricos exemplifica dizendo que o jornalismo no ciberespaço que é a internet precisa ter apuração, porém não muda a importância de o repórter investigar o

caso com afinco, “Para continuar relevante no século 21 e no ciberespaço, terá que cultivar sobretudo apuração.” (KARAM 2012 citado por CHISTOFOLETTI E LIMA 2012, P. 58). O jornalista Sílvio comenta que utilizou dessa ferramenta para desenvolvimento de seu Livro, e também na reportagem publicada no jornal.

A era digital nos oferece ferramentas muito importante e os órgão público de um modo geral acabaram oferecendo também ferramentas de transparência, hoje em dia tem portal de transparência, por exemplo, para checar gastos públicos. (NAVARRO 2017)

Diz Sílvio, que depende de cada repórter pesquisar em base de dados ou não, para alguns, isso é mais complexo que para outros. O jornalista também pode fazer pesquisas de processos, que ocorrem no judiciário, como: crimes de homicídios, crimes fiscais e outros. Segundo Navarro (2017) “tudo hoje em dia você pode consultar pela internet, são ferramentas que se você aprende operá-las, ferramentas digitais, ajudam muito”, disse mais, que os jornalistas aprendem a usar o banco de dados e “que isso é uma ferramenta interessante”. Navarro disse que podemos e devemos utilizar dessa técnica para escrever reportagem, porém ele usou para localizar acervos públicos, e base de dados públicos, dentro da legalidade.

Usei a internet do ponto de vista com o banco de dados para localizar pessoas saber, por exemplo, onde mora, o que faz, achar rastro desses personagens ao longo dos anos, onde morou, em tal cidade e depois foi funcionário em tal empresa ou sobre um criminoso, se ele foi preso, se cumpriu pena. (NAVARRO 2017)

Foi assim que o autor pesquisou via internet com a utilização de banco de dados. Outro teórico também trata sobre a utilização da internet para pesquisa. Sequeira (2005, p135) diz “que a internet se transformou numa ferramenta indispensável ao jornalismo investigativo” (SEQUEIRA, 2005 P. 135), porém não deve colocar toda a responsabilidade no computador, o repórter precisa confirmar com fontes, fazer apurações, procurar na internet sites de confiança para fazer a pesquisa, “Entretanto,

salienta que vê a internet como simples ponto de partida, um enorme depósito de dados a serem checados.” (SEQUEIRA, 2005 P. 135).

Abaixo está à imagem da reportagem do Jornal folha de São Paulo “Celso Daniel 10 anos sem solução”:

Figura 1 - Reportagem “Caso Celso Daniel faz 10 anos sem solução”



Fonte: Jornal Folha de São Paulo

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou realizar uma análise comparativa do Livro-reportagem “Celso Daniel - política, corrupção e morte coração do PT” e da reportagem do Jornal folha de São Paulo “Celso Daniel - 10 anos sem solução”. Verificou-se se houve ou não a profundidade do jornalismo investigativo e a utilização de técnicas do jornalismo investigativo comparando-as em ambas as partes.

Este tema do jornalismo investigativo é importante para conhecimento de casos que nos jornais convencionais são expostos, mas não com tanta profundidade, abordar este assunto é relevante para conhecimento deste caso do Celso Daniel, pois é fato que ficou a para história da política Brasileira, e servirá de pesquisas futuras.

A realização deste trabalho constatou-se que no Livro-reportagem do jornalista Sílvio Navarro, houve prática do jornalismo investigativo, pois mostra a profundidade de suas pesquisas e apurações. O autor realizou pesquisas em 20 mil documentos judiciais, foi a campo buscando as pessoas envolvidas no caso, deu um parecer sobre o que a justiça disse sobre o caso Celso Daniel. Navarro realizou um livro calçado em documentos com biografia dos personagens, escreveu relatos inéditos e que antes nenhuma mídia havia mostrado, comenta em entrevista que o livro-reportagem dele há jornalismo de investigação. Outro comentário que fez é sobre o livro-reportagem ser investigativo e interpretativo, e diz que é um misto dos dois.

A conclusão deste tema também foi possível pelas pesquisas bibliográficas feitas por teóricos, jornalistas, por entrevistas realizadas com especialistas e jornalistas da Abraji e com o próprio autor e jornalista do livro-reportagem e também da matéria do jornal folha de São Paulo.

Em análise comparando a matéria do jornal com o livro-reportagem, sendo que nos dois veículos, foi o mesmo caso. livro-reportagem tem mais profundidade que

matéria do jornal, porque na reportagem pode-se verificar que há poucas fontes, e no livro tem mais, no livro houve apuração de documentos e na reportagem houve somente de órgãos públicos, da justiça e um parecer da família de Celso, o livro-reportagem aborda assuntos com detalhes e profundidade, enquanto que na reportagem somente cita, por exemplo, a CPI dos Bingos, as mortes das possíveis pessoas envolvidas, a sentença dos acusados, a busca pelas fontes a campo, e assim por diante. Este caso segundo o Livro-reportagem e a matéria do jornal Folha de São Paulo até os dias atuais (2018), não ocorreu um desfecho.

Hoje Jornalismo investigativo não é mais somente para revelar casos ocultos à sociedade, mas é também se aprofundar em um caso que foi escrito em jornal convencional, porém, não com detalhes. E para explicar da melhor maneira possível à sociedade, deixar uma história verídica para o conhecimento das novas gerações e como uma reflexão do tema proposto.

Com base nessa análise pode-se concluir que no Livro-reportagem “Celso Daniel política, corrupção e morte coração do PT”, tem profundidade do jornalismo investigativo.

REFERÊNCIAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. Organização sem fins lucrativos de Normalização Técnica no Brasil, 1940, Disponível em:
<<https://www.normaseregras.com/normas-abnt.>> Acesso em 12 out, 2018.

BRADSHAW, Paul. Manual de jornalismo de dados. Centro Europeu de Jornalismo, 2012. Disponível em < http://datajournalismhandbook.org/pt/introducao_0.html > Acesso em 20 jun.. 2018.

BELO, Eduardo. **Livro reportagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

BRASIL. Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm. Acesso em: 25 ago. 2018.

CORRÊA Micheli Viviane Goldinho. **Abertura Política**. Disponível em:
<https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/abertura-politica/>. Acesso em: 20 out. 2018.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (Orgs). **Reportagem, pesquisa e investigação**. São Paulo: Editora Insular, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério (Orgs) **Vitrine e vidraça**: crítica da mídia e qualidade no jornalismo. LabCom Books, 2010. Disponível em <<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/christofoletti-vitrine-2010.pdf> >. Acesso 10 out. 2018.

FORUM DE DIREITO E ACESSO A INFORMAÇÕES PÚBLICAS; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. Lei de acesso a informação: o que

you need to know.). São Paulo: Abraji, 2014. Disponível em: < https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/1604a00a-b097-438d-b241-86c8b1e969de/49f4fb78-57d9-43c9-baa0-89a2ca2cc6ae.pdf > Acesso em: 20 ago. 2017.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Editora contexto, 2005.

INVESTIGATIVE REPORTERS AND EDITORS: organização sem fins lucrativos de base dedicada a melhorar a qualidade dos relatórios investigativos, 1975. Disponível em < <https://www.ire.org/about/> > Acesso em 11jul. 2018.

LEIGH, David ; HARDING, Luke **Wikileaks**: a guerra de Julian Assange contra os segredos de estado. São Paulo. Editora Verus, 2011.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Recorde, 2004.

LIMA, Edivaldo Perreira. **O livro reportagem**: como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo. Editora Manole, 2008.

NAVARRO, Silvio. **Celso Daniel**: Política, Corrupção e Morte no coração do PT. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 3. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa Pereira **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Rio de Janeiro: Editora vozes, 2006.

PEDUZZI, Pedro; CANES, Michelle. Operação Carbono 14 da lava jato prende dono de jornal ex- secretário do PT. **Agência Brasil**, Brasília, 11 abr. 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2016-04/operacao-carbono-14-da-lava-jato-prende-dono-de-jornal-e-ex-secretario-do>. Acesso em: 16 set. 2018.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da notícia**. São Paulo: Editora Summus, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. 2.ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005.

VASSALLO, Luiz; AFFONSO, Julia. Polícia prende Ronan e procura mais três por propinas na gestão Celso Daniel. **Estadão**, São Paulo; 2017. Disponível em <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/policia-prende-ronan-e-procura-mais-tres-por-propinas-na-gestao-celso-daniel/>. Acesso em: 22 set. 2018.

WIKILEAKS: organização de mídia multinacional e uma biblioteca associada, 2006. Disponível em < <https://wikileaks.org/What-is-Wikileaks.html> > Acesso em 25 abr. 2018

Apêndice 1 – Entrevista com Silvio Navarro

Transcrição da entrevista 1

Nome: Silvio Navarro

Profissão: Jornalista da Jovem Pan e escritor

P. Como realizada a apuração dos fatos para realização do livro?

S. A ideia de escrever esse livro surgiu quando o caso Celso Daniel completou dez anos, eu trabalhava no Jornal folha de São Paulo no ano de 2012, eu escrevi uma matéria que está até citada no livro um pedaço dela nas considerações finais para lembrar isso, mostrando que o caso Celso Daniel completou uma década sem ter um desfecho completo na justiça, porque o principal acusado do crime o mandante nunca havia sido julgado definitivamente pela justiça o caso parado no supremo federal e ao longo dos anos um caso que foi se dourando de mística por envolver um político poderoso de um partido poderoso que depois haveria de chegar no poder porque envolvia um político que naquela época coordenavam a mais promissora das campanhas do PT e que deu certo, um caso que envolvia uma serie de mortes e eu me debrucei muito em tentar descobrir os indícios de relações dessas mortes e aquelas que simplesmente era mística, mortes que não tinham haver com o caso, mas que de alguma forma acabavam sendo ligadas ao caso, então foi um trabalho longo. E ao longo desses quatro anos eu recolhi materiais de reportagem e um amplo trabalho de pesquisa de vários colegas nossos de profissão fui em busca a campo fazer as investigações, buscar o caso físico os papeis mesmo do caso celso Daniel que são 19 mil páginas de processos somente lá em Itapecerica no fórum de São Lourenço para

retirar aquilo foi um trabalho e a partir desses documentos ir buscar as pessoas onde eles estavam o que mais eles tinham para contar, por exemplo, a quadrilha da favela pantanal.

P. Como foram localizados os personagens envolvidos no Caso, se eles aceitaram entrevista, e como foi à entrevista?

S. Alguns sim alguns não, por exemplo, no caso dos personagens políticos, no caso dos personagens do PT eu recebi muito mais porta na cara do que porta aberta porquê? Por que não interessava para o PT revisitar esse caso, esse caso é o maior fantasma da história do PT, mas ainda misturando essa segunda resposta com a primeira tem muitas outras apurações, por exemplo, eu participei da cobertura do caso em diversos momentos não tanto no começo dele, mas depois, eu vou te dar um exemplo claro, em 2005 a CPI dos bingos no senado resolve entrar no caso Celso Daniel eu morava em Brasília, eu era repórter da folha de são Paulo em Brasília e eu participei da cobertura dessas CPI isso uma investigação parlamentar interna, já é investigativa por si só, descobriu-se muita coisa, eu fiz descoberta autônomas também, descobrir documentos, algumas ligações, o livro traz escutas algumas delas inéditas relacionadas ao caso então é assim, os personagens são isso alguns casos não quiseram me atender outras pessoa foram muito solícitas comigo, algumas por que tem interesse que esse caso solucionado, mas o principal entrevistado do livro não aceitou da entrevista para mim que o Sergio comes da Silva que é o sombra acusado de ser o mandante durante todo tempo o contato que eu tive para chegar nele contato oficial por meio do advogado dele o Roberto uma curiosidade o Sergio sombra morreu uma semana depois que o livro havia sido impresso na segunda edição do livro foi justamente colocada a morte dele ele nunca aceitou falar nem comigo nem com ninguém com jornalista a única entrevista que ele deu foi uma entrevista coletiva logo depois do crime em 2002, uma entrevista que não diz muita coisa recheadas de

negativas, mas a gente tem que pensar que estamos falando de uma entrevista a quinze anos portanto muita coisa aconteceu desde então e ele só falou em juízo só para a justiça para as autoridades ministério público de quem ele tinha aversão ou para a polícia ele nunca aceitou uma entrevista, nunca aceitou falar sobre este caso. Esse todo lado de procurar as pessoas a quadrilha da favela pantanal, por exemplo, eu fiquei obcecado para descobrir quem eram aquelas pessoas da onde eles vieram, qual era a história deles.

P. Você conseguiu falar com alguns deles (da quadrilha Favela Pantanal)?

S. Com eles em si eu não cheguei a ficar cara a cara com eles eu cheguei sim ao redor dele às pessoas que conviveram com eles e também tem vários documentos que mostraram depoimentos que nunca haviam sido visitados, nunca haviam sido remexidos e eu consegui esses documentos justamente, eles já tinham fixa criminal muito grande, então tentar descobrir qual eram os crimes a relação que eles tinham com a família, foi um trabalho bem legal, árduo demais muito difícil, mas essa foi a parte mais difícil, ir aos lugares aonde eles iam a própria favela pantanal essa parte foi muito legal, mas eles em si os cinco não fiquei cara com eles pois, estão presos em prédios de segurança máxima só um chegou a ser solto mas foi preso novamente logo depois de ser solto e já está preso em segurança máxima, todos eles são bandidos de alta peculiaridade, eles tem muitos homicídios e muitos sequestro especialmente o Ivan Monstro.

P. No livro a teórica fala sobre jornalismo investigativo, ele diz que ele mais uma marca do que um conceito é como glamour ser reconhecido como jornalista investigativo, O que você acha sobre isso?

S. Eu concordo o jornalismo já tem investigação por si só, o jornalista ele investiga é dever dele investigar é dever dele checar apurar os fatos a gente tem que pensar que a gente esta na era do fake News noticia falsa, a gente esta na era em que a pessoas se informam por coisas que leem no facebook e não checam e espalham isso geram correntes de mentiras, algumas com potencial para ter efeitos econômicos ruins, outras com potencial para alarmar pessoas. Eu me lembro de um caso recente, você vai achar esse caso na internet, num acervo, numa busca, só não estou conseguindo lembrar o ano talvez 2014 ou 2013 um caso ocorrido em Guarujá no litoral de São Paulo um perfil que supostamente seria um possível jornal da região, vamos dizer assim, uma mídia de redes sociais da região, divulgando que uma mulher com característica de uma outra mulher estaria sequestrado crianças ali naquele bairro para praticar magia negra, então naquele dia ela tinha saído, pintado o cabelo, e naquele dia a moradora tinha pintado o cabelo também, e surgiu alguma cosia que de alguma forma aquilo recaiu sobre aquela moradora dizendo que era ela que estava praticando esse essa mulher foi linchada e morta e depois se descobriu que a noticia era falsa que nunca existiu nenhuma mulher praticando magia negra com crianças. Então, isso é o poder devastador da noticia falsa, não para por ai, a gente pode falar do lado econômico, as vezes uma noticia falsa que se espalha e acaba causando algum tremor na economia pode mexer com a bolsa de valores e com o dólar, com mercado especifico isso para gerar um prejuízo nas pessoa, uma marca de carro que pode estar dando algum problema e não está dando nenhum problema isso vai afetar as vendas desse carro. Então é assim jornalismo investigativo parti dessas primícias, jornalista já é investigativo, ele deve ser investigativo ele tem que ter apuração ele tem saber o esta falando porque ele tem muita responsabilidade ele é um formador de opinião ele é umas pessoas que divulga informação eu concordo com essa teoria o que se criou sim é um glamour não sei se você já viu o filme Spotlight se não assista então se cria esse glamour de que o jornalista vai fazer o papel, da investigação, que talvez algum meio oficial não faça que o jornalista vá descobrir noticias como se fosse, como se fosse um policial, como se fosse um promotor, esse glamour que existe realmente parto das

primícias da teoria eu não gosto de jornalismo investigativo acho que é um rotulo e acho que todo jornalista tem o dever de apurar investigação.

P. O mesmo teórico e jornalista diz que há um consenso razoável entre jornalistas que esse termo jornalismo investigativo diz que toda noticia por si só já é atividade investigativa, outro diz que todo repórter investiga, averigua, checa, apurar, o que se pode dizer que esse jornalismo é cobertura de mais profundidade, O que você me diz sobre isso?

S. É um trabalho mais profundo e mais dedicado por que ocorre que a noticia nunca ocorre e termina naquilo que você lê no jornal um iniciador a não ser algo como econômico, mas ela não termina ali, esses grandes casos que envolvem crimes não necessariamente assassinato, crimes fiscais corrupção eles são longos, são coberturas de folego acho que essa é uma boa expressão, cobertura jornalística de folego a sim é que eles se rotulam um pouco mais como jornalismo investigativo, a gente tem que pensar que jornal sai todo o dia e estamos na era da internet, ou seja, a noticia em de minuto a minuto os telejornais tem horário para começar os rádios jornais também, então o que acontece ela não se esgota tem que fechar o jornal, então fecha com o que você tem até ali no dia seguinte continua, então esses casos quando um jornalista se debruça sobre ele e fica muito tempo sobre ele, na cobertura e que se rotula como jornalismo investigativo, mas ele não é menos importante com aquele se fala do jornalismo politico. Esse é um livro que tem duas pernas uma perna policial e outra politica e também existe investigação dentro da politica tem que tentar entender qual era o jogo politico naquela época, qual eram os interesses envolvidos, quem era os personagens isso é investigação em cima de politica e não investigação em de policia não é só dizer quem matou, mas era também tentar entender o Celso Daniel quem as pessoas que cercavam ele como era a politica naquela época.

P-Um dos teóricos se referiu ao jornalismo investigativo relacionando a investigar crime de colarinho branco, ou seja, investigar os poderes, você concorda com isso?

S- A gente está numa época que a gente conheceu a operação lava jato e a operação lava a jato ela mudou o Brasil e, sobretudo a operação lava a jato. Eu acho que é exatamente isso que você estava falando citando ai esse jornalista, essa teoria, nós estamos na era na fase da lava a jato, a lava a jato é uma operação policial que começou investigando , começou numa investigação sobre um doleiro uma lavagem de dinheiro num posto de gasolina etc.. E se tornou a maior operação policial da historia mundial maior que até as “Mãos Limpas” na Itália eu me arriscaria a dizer isso. Ocorre que a Lava a Jato acabou jogando luz a muito do que é a podridão politica e o crime de colarinho branco e a corrupção instituída nas engrenagens do país na republica, nas engrenagens do sistema, na maquina corrompida, no motor todo ele da primeira peça até a ultima está todo comprometido e eu acho que é justamente isso que é o crime de colarinho branco a politica como funcionava e funciona ainda isso não mudou de uma forma mais corrompida.

P. Um dos teóricos que estudei afirma que os usos das técnicas do jornalismo investigativo são apuração, averiguar, checar, analisar, ser curioso e outros no seu entendimento você utilizou dessas técnicas para realização do livro e qual mais?

S. A era digital nos oferece ferramentas muito importante e interessantes e os órgãos publico de um modo geral, acabaram oferecendo também ferramentas de transparência, hoje em dia tem portal de transparência, por exemplo, para checar gastos públicos, hoje em dia os processos que correm no judiciário, sejam processos do ponto de vista dos crimes de homicídios, dos crimes fiscais, também a condenação de

personagem envolvidos nesse livro dão aspectos do roubo ao erário, do roubo a máquina pública fiscal, vara fazendária, tudo hoje em dia você pode consultar pela internet são ferramentas que se você aprende operá-las, ferramentas digitais, ajudam muito. Os bancos de dados alguns de muito fácil acesso e outros mais complexos, mas que você aprende a usar esses bancos de dados e eu diria que isso é uma ferramenta interessante. As outras ferramentas, eu não diria ferramentas, mas eu diria que quando se mergulha profundamente sobre um caso você descobre sobre as personalidades de alguns personagens, então você precisa ter técnicas de abordagem nessas pessoas não adianta chegar com o gravador na mão que ele jamais te vai dar uma entrevista, então existe convencimento pra você tentar convencer a pessoa a falar, existe muito respeito ao off aí você conseguir alguma informação em off porque a pessoa não vai falar aquilo em on, mas você encontrar caminhos que de alguma forma consiga colocar aquelas informações de pé para que você consiga dar transparência para aquelas informações torna-las oficiais sem comprometer sua fonte, eu creio que são técnicas de jornalismo de profundidade, tem pessoas que capacidade de persuasão natural. Então elas te convencem, e tem gente que pode não ter essa capacidade de persuasão natural, mas que ao longo da experiência com o tempo de profissão e carreira, isso ajuda sem dúvida nenhuma me ajudou muito a escrever esse livro os anos que eu passei em Brasília, por exemplo, eu trabalhei como repórter em Brasília durante quatro anos isso fez com que eu conhecesse caminhos criasse fontes em alguns lugares, criasse fontes com os políticos o que facilitou muito a minha vida pra chegar a personagens.

P. E foi sempre dessa área política?

S. Sim, eu tenho um pouco mais de dezessete anos em redação sendo doze anos na Folha de São Paulo e cinco anos na Veja. Eu praticamente sempre trabalhei com política teve uma ou outra cobertura que a gente é deslocado para ajudar as uma

copa do mundo, uma olimpíada, um grande evento, um grande acontecimento, não diria só política, política é sim a minha especialidade, mas não diria que é a única. Já fiz cobertura de economia, já ajudei a cobrir eleições internacionais, por exemplo, ou vou te dar um exemplo 11 de setembro de 2001 quando os aviões derrubou as torres gêmeas do World Trade Center toda a redação de um jornal que era muito maior que é hoje trabalhou, (falo no Jornal Folha de São Paulo onde eu trabalhava), parou e não importa o que você escrevia sobre esporte ou gastronomia ou economia todo mundo parar na cobertura daquele que foi o maior atentado terrorista da história essas grandes coberturas sim eu me envolvia um avião que caiu eu sempre trabalhei na política sempre foi a minha área e é a área que eu gosto.

P. O tempo que você gastou para fazer o livro foram quatro anos?

S. São quatro anos no total, começou em janeiro de 2012 quando eu escrevi a matéria para o Jornal Folha de São Paulo e eu entreguei o livro no segundo semestre de 2016 no ano passado a escreve em si colocar no papel eu diria para você, que eu levei um ano os outros três são tempos de pesquisas investigação atrás de documentos localizar os personagens para depois descobrir a localização para depois recolher informações sobre eles e ler as 19 mil páginas do processo, mas não me ocorre quantas páginas eu diria para você mais ou mesmo umas mil páginas tem os documentos que estão em Brasília no Supremo ainda tem o inquérito policial do Dionísio Aquino Severo que o bandido que foge de helicóptero, que é um capítulo do livro que é uma história por si só fantástica, ele é um livro por si só e o IP o inquérito policial dele não tem nada ali, está quase desmembrado não sei se uma palavra juridicamente ideal para esse caso, mas olha é mais de 20 mil páginas seguramente então era muita coisa para estudar sem contar livros alguma coisa sobre a história do PT, a história de Santo André biblioteca acervos eu tive ajuda de um pesquisador que me ajudou a localizar a parte que tem numa pequena biografia do Celso no livro claro

que alguns personagens me ajudaram inclusive da família do Celso Daniel a contar a história dele, agora a procurar algumas fotos a procurar algumas curiosidades sobre vida dele algumas coisas estão lá no ABC no consórcio, na prefeitura, tem alguns personagens quando o Celso morre um assume a prefeitura é o João Avelino que depois veio a ser prefeito de Santo André na sequência, hoje não, na época do livro o Grana administrava Santo André ele era secretário municipal sabe muito da história do PT e do ABC de Santo André então essas pessoas ajudavam muito essa pesquisa foi muito longa quatro anos foi processo todo do livro da ideia de escrever até as entregas para o editor.

P. Alguns teóricos falam da escassez nas redações, o que você diz sobre isso?

S. Não só viajei em São Paulo, mas para fora de São Paulo para localizar os personagens isso tudo foram gastos consideráveis.

Alguns fatores, o primeiro fator é econômico como você disse o mercado jornalístico as grandes empresas de jornalismo que produzem os jornais as revistas, os sites essas televisões as rádios elas estão com as redações cada vez mais enxutas e cada vez mais jovens com menos experiências isso se deve a dois motivos e aí entra o lado econômico o mercado o modelo do jornalismo mudou muito no mundo isso também vai envolver a publicidade o lado comercial e tal, então as empresas presaram enxugar suas redações cortar gente e cortar gastos como esses para você fazer uma reportagem de fôlego deixar um profissional ou dois durante muito tempo atrás de um furo de reportagem, atrás de uma grande história isso envolve viagem isso envolve custo de deslocamento e as empresas não têm mais dinheiro para sustentar fora isso os profissionais mais experientes com o tempo de carreira eles acabam ficando mais caros então as empresas optam por profissionais um pouco menos experientes que têm

um salario um pouco menores e que elas podem pagar às vezes um salario de um profissional experiente paga o salario de dois com experiência um pouco menor e com isso as empresas vão obter mais braço na redação, mais gente, mas também creio que existe uma questão do modelo do jornalismo a era digital a era das redes sociais elas fazem com que a velocidade de informações tenham ficado mais rápida então é preciso ter informação muito rápido e a informação é cada vez mais perecível as vezes um furo dura hora e já exista outro furo uma nova noticia e também existe um questão do modelo das empresas optarem por outro modelo ou tipo de investimento em jornalismo .

P. Seu livro pode se considerar investigativo ou um jornalismo de profundidade?

S. Claro, acho que sim.

P. Nos meus estudos sobre jornalismo investigativo eu li que há dois tipos, jornalismo investigativo que é quando você acha algo sobre aquele caso que ainda não foi revelado, e interpretativo ele dá uma interpretação de um caso e os leitores tiram as suas próprias conclusões. Em sua opinião em qual dessas categorias se enquadra o seu livro?

S. Eu acho que é quase um misto, mas ele é um livro totalmente amparado em documentos evidentemente a partir de biografia dos personagens, mas ele é um livro todo calçado em documentos, porém eu faço nenhuma relação esse caso é um caso não resolvido oficialmente até hoje, mas é possível que se chegue ao final dele com alguma interpretação é possível, então é assim se tivesse que optar entre as duas coisas eu ficaria com a sua segunda opção porque você consegue chegar ao final dele com a sua própria convicção ainda que se quiser chegue sem convicção nenhuma

depende muito da sua visão acho difícil cada um tem a sua interpretação. A ideia é levar você chegar a sua própria convicção, eu ficaria com a segunda. **Eu perguntei isso porque eu vi algumas das suas entrevistas sobre o livro e você disse isso.** Foi à forma como eu quis fazer porque eu acho que seria a forma mais honesta de tratar essa historia em documentos para que não ocorra acusação contra ninguém além do que as próprias autoridades acusaram.

P. Hoje esse jornalismo pode ser realizado na era da internet, pois estamos nessa era digital. De que forma você utilizou a internet para escrever o seu livro?

S. Pode e deve por um lado, mas por outro como eu usei a internet com as ferramentas possíveis de busca os bancos de dados públicos, usei a internet do ponto de vista com o bando de dados mesmo para localizar pessoas saber, por exemplo, onde mora o que faz achar rastro desses personagens ao longo dos anos, olha ele morou em tal cidade depois foi funcionário em tal empresa ou falando de um criminoso ele foi preso cumpriu pena, a então vamos tentar quem era a vitima dele naquela situação para localizar mais os acervos públicos as pesquisas tantos para localizar pessoas entender os rastros delas, como também a ferramentas de acesso a banco publico de dados.

P. E falando sobre você pode dizer sobre a Lei de Acesso a Informação?

S. lei de acesso à informação é um ganho extraordinário para os pais para transparência, sobre gastos públicos a lei de acesso ela já tem alguns anos, mas ela só contribuiu porque a gente tem que pensar se os gastos são públicos isso não significa que são de interesse publico eles são de interesse dos cidadãos, então eles têm sim que ser transparentes e preciso que seja ainda mais transparente.

P. Tem uma cultura na internet sobre a Wikileaks, o que você acha sobre isso? Eles são meio ciberativista, eles vazam informações para o público, que o governo ou qualquer instituição encobre.

S. Eu preferia de responder de uma forma mais genérica como falei agora é forma mais clara daquilo que penso eu sou a favor de todo tipo de transparência estamos falando de gastos públicos de documentos publico de interesse publico, então tudo aquilo que for de interesse publico eu sou a favor que seja transparente.

P. Você acha que há uma diferença entre o jornalismo diário ou convencional, do jornalismo de mais profundidade, porque todo o jornalismo tem investigação, mas há uma diferença você concorda?

S. Claro, no passado isso era mais latente no passado as redações tinham um jornalista que dedicavam somente à reportagem de mais profundidade e outros que se dedicaram a reportagem do dia a dia, como a gente falou agora pouco com advento da internet com as mudanças econômicas as restrições nas redações. Elas estão mais enxutas, isso acabou praticamente, mas existe uma diferença muito grande, quando tem tempo para se dedicar em uma reportagem, quando tem tempo para revistar um caso, por exemplo, como eu fiz, um caso que havia completado dez anos e em dez anos você pode imaginar a quantidade de idas vindas, documentos, personagens, muita gente que morreu nesse caminho, mas eu tinha folego e tinha tempo, mas foi uma investigação que eu fiz paralela ao meu dia a dia de trabalho, mesmo quando eu me dediquei a escrever o livro eu usei meu período de férias para escrever, mas não escreve um livro em um mês, então eu passava madrugadas escrevendo o livro, por exemplo, eu também não tive esse tempo, o que eu quero dizer é que era uma coisa paralela ao meu trabalho do dia a dia. Agora chegar à redação hoje e falar “olha tem um

repórter dedicado um mês a um caso” eu diria para você, acredito não exista, por varias questões que a gente falou agora.

P. Sobre o jornalismo de profundidade, há uma autorização do seu chefe para você fazer o livro? No seu livro foi desta maneira?

S. Meu livro foi publicado pela editora recorder não tem nada a ver onde eu trabalhava quando eu comecei escrever, com a folha de são Paulo e nem com o abril, o que fiz quando assinei um contrato com a Recorder para entregar esse livro eu já trabalhava na Editora Abril eu comuniquei sim os meus superiores não houve nenhuma restrição, não costuma haver esse tipo de restrição. Eu nunca sofri nenhum tipo de censura ou restrição também, mas é isso em momento alguma eu disse “estou escrevendo um livro, portanto vou trabalhar um pouco menos durante o dia, dividir o meu trabalho”, isso não pode, eu vou continuar trabalhando normalmente, mas comunico que paralelamente eu estou num projeto pessoal, esse livro é um projeto pessoal.

Apêndice 2 Entrevista com Tiago Mali

Transcrição da entrevista 2

Nome: Tiago Mali

Profissão: Jornalista e coordenador de cursos da Abraji

P- De um modo geral o que é o jornalismo de dados?

T - Jornalismo de dados não tem uma definição única, isso é algo que pessoas falam coisas diferentes, mas trabalhar com dados no jornalismo é algo que não é exatamente recente, é feito desde a década de 50 e 60 de maneira mais sistemática em jornais nos estados unidos, quando se começa a publicar ,por exemplo, pesquisas prevendo quem vai ser eleito o próximo presidente.

A pesquisa eleitoral a partir desse momento já tem de certa forma um jornalismo que é de dados, a parti dai década de 50 e 60 vai se sofisticando a abordagem que esse tipo de coisa tem na época isso era chamada de RAC sigla em inglês que isso significa “reportagem com auxilio do computador”. Então na época era muito difícil fazer reportagem com computador porque não tinha computador pessoal, tinha computador gigantescos que eram grandes maquinas e poucas pessoas tinham acesso a isso, então jornalismo de dados para esse pessoal era um grupo pequeno que fazia tabulação em cima de bases restritas de jornalismo de dados na época principalmente na década de 70 onde se teve alguns pilares teóricos do que a gente chama de jornalismo de dados eles davam o nome a esse tipo de pratica de jornalismo de precisão cujo maior precursor foi homem chamando Filipe Meyer que começou a juntar técnicas da ciência sociais e da estatística para fazer jornalístico, então isso vai

evoluindo com o passar do tempo na década de 90 com chegada dos PCS, computadores pessoais as redações ainda chamando isso de reportagem com auxílio do computador você tem jornalistas que começam a usar técnicas de planilha, técnicas de banco de dados tal no computador para ajudar na matéria, para ajudar na apuração, para ajudar a descobrir alguma informação relevante para reportagem.

O termo jornalismo de dados em si ele começa a ser usado com mais frequência no fim da década passada 2009, 2010 e coincide com período de abertura muito grande de bases de dados pelo mundo, então antes mesmo quem usava técnicas de dados dentro do jornalismo tinha dificuldade em arrumar planilhas, em arrumar bases de dados para trabalhar, a partir da virada da década passada tem vários países do mundo que começam em sequência abrir suas bases de dados para todos os cidadãos, o Brasil incluído. Em 2009, nos Estados Unidos tem uma atitude pioneira do ex-presidente Barack Obama que abre um repositório data.gov onde está lá boa parte das informações da administração federal dos Estados Unidos, a partir de então vários países vão seguindo essa linha em 2012 no Brasil tem a sanção da lei de acesso a informação que facilita, e obriga muitos órgãos públicos a colocar na internet as suas bases de dados isso facilita o trabalho do jornalismo com dados, então a partir desse grande movimento de abertura 2009, 2010 com os vazamentos de dados do WikiLeaks em 2010 também as pessoas começam a usar o termo jornalismo de dados para se referir a essa prática que agente faz, a diferença em relação ao que se fazia antes, antes se pegava base de dados que tem informações e se transformava em matérias enfim, fazia histórias partir dali, agora também se faz isso, mas agora como tem muita informação disponível neste momento, muita coisa aberta, muita coisa aberta na internet, tem algumas mudanças inclusive do jeito de usar isso, do jeito de fazer narrativas, então o jornalismo de dados atual alguns teóricos defende que o termo está ligado a uma abertura maior dessas informações. Inclusive ao leitor para que ele possa através de ferramentas ir navegando e não só ler a história com dados, isso também que é as práticas antigas da reportagem com o auxílio do computador, mas também

interagir com os dados e procurar suas próprias histórias ali dentro quando você permite, por exemplo, “quero saber essa informação só para o ano tal e aí o gráfico é feito desse tipo de coisa”, então jornalismo de dados se refere a isso de maneira mais geral. Fazer jornalismo com dados na verdade é fazer jornalismo com informações em geral. Não tem muita diferença, a diferença é que você usa uma série de técnicas específicas que te ajudam a entrevistar, informações armazenadas nas máquinas de um jeito mais eficiente da mesma maneira que você tem técnica de entrevistar pessoas pessoalmente. Tem técnicas para entrevistar bases de dados que guardam informações que podem ser interessantes para vocês, então tem que ter algum tipo de técnicas para perguntar as coisas para uma fonte, da mesma maneira tem que aprender alguns tipos de técnica que tem mais a ver com o computador para saber perguntar para base de dados àquela informação que você quer obter. Jornalismo de dados é mesmo jornalismo que faz antes, só com uma técnica a mais que te permite acessar informações ou fazer perguntas que de outra forma seriam difíceis de você fazer para uma pessoa só, para uma fonte.

P- Em uma reportagem como o jornalista utilizaria o jornalismo de dados?

T- Tem diferentes formas de você trabalhar com jornalismo de dados. Uma delas, por exemplo, é utilizar a base de dados para acrescentar contexto. Então, por exemplo, se o jornalista está fazendo uma matéria sobre mortalidade infantil ele certamente vai entrevistar especialistas no assunto, vai contar casos de mães que perderam seus filhos muito novos e se ele quer falar disso de uma maneira mais abrangente pode acrescentar contexto, por exemplo, indo atrás de dados que estão presentes na ONU para todos os países e mostrar como o Brasil está em relação a outros países em relação a sua taxa de mortalidade infantil. Se gente está melhor que outros países da América do Sul, se agente está pior em posição no mundo, entre os estados quais são os melhores estados em relação a isso. Uma das formas é essa, de usar a tabulação de

dados para essa entrevista a fonte de informação para acrescentar contexto à matéria, outra forma é você começar a investigações partir das bases dados então, por exemplo, você pode pegar uma base dados de gastos de deputado, gastos de parlamentares e descobrir que eles estão fazendo gastos que não deveriam com o dinheiro público, partir deem faz uma reportagem, nesse caso não é para dar contexto o cerne dessa reportagem esta nessa base de dados que o jornalista foi investigar e viu o deputado XZYX esta gastando dinheiro da cota parlamentar, dinheiro publico comprando na empresa de um parente que é proibido por lei, por exemplo, se encontrar isso você tem uma matéria que surgiu da base de dado porque ele viu na base de dados a empresa na qual esta gastando foi lá atrás de investigar esse é outro jeito de trabalha com a base de dado. Outra forma tentar cruzar diferentes bancos de informação e a partir dai ver se consegue estabelecer relações para entender melhor algum assunto, para conseguir identificar padrões que estão relacionados a algum tema que você esteja investigando. O jornalismo de dados pode entrar como a parte principal de alguma apuração, pode entrar com alguma parte de contexto, pode entrar com uma parte de explicação melhor do todo da matéria dependendo da sua matéria ela vai entrar de diferentes formas, mas via de regra é importante que ela não esteja, em minha opinião, sozinha, que o trabalho com dados seja acompanhado de um trabalho de apuração e de verificação tanto com especialista e com fontes, tanto com entrevista quanto com exemplos, quanto com pessoas, jornalismo de dados faz parte de um trabalho maior de apuração jornalística não é um tipo diferente de jornalismo ele é uma ferramenta para fazer jornalismo melhor, então um jornalista ruim não virar um jornalista bom porque sabe mexer com dados, mas um jornalista bom pode fazer um trabalho ainda melhor porque tem acesso a outros tipos de ferramentas para melhorar suas reportagens.

P- Em sua opinião o jornalismo de dados pode contribuir para o jornalismo investigativo, eles se unem?

T- Sim, ele muito útil para o jornalismo investigativo quando tem acesso ao banco de informações pode tentar descobrir ali dentro coisas que até então estão ocultas em relação à opinião pública muitas vezes, por exemplo, o jornalista vai a um órgão público e pede uma informação eles em vez de da informação que ele quer sobre determinado assunto a acessória de imprensa vai tentar te empurrar uma informação que eles acham melhor para imagem do órgão ou das pessoas que estão comandando o órgão divulgar, quando se está trabalhando com jornalismo de dados não passa por essa etapa ele vai direto à base de dados e vai encontrar a informação que ele quer sem esse filtro prévio que tenta muitas vezes desviar a sua atenção, então em termos de investigação é muito útil você ter acesso direto e saber fazer as perguntas certas para bases de dados, muita coisa de jornalismo investigativo dá para fazer a partir de perguntas originais que você consegue fazer em cima de base de dados.

P- Você citar uma reportagem recentemente que foi realizada no Brasil ou no exterior com jornalismo de dados?

T - São muitos exemplos, tem um exemplo muito conhecido que são os Panamá Pampers que ganhou o maior prêmio de jornalismo mundial o Pulitzer que é um esforço conjunto de jornalista investigativos de vários países para investigar documentos que foram vazados da empresa Mossack Fonseca é a empresa que administra off shores empresa em paraísos fiscais especialmente no Panamá, então esse foi um trabalho que uma quantidade gigantesca de documento vazou dessa empresa agente sabe que políticos e pessoas públicas usa os paraísos fiscais abrem companhia em paraíso fiscais para ocultar dinheiro para fazer lavagem de dinheiro para deixar de pagar imposto no país de origem então isso é muito usado de expediente é muito usado nessas situações se não você com todos esses documentos que foram vazados você tem um esforço internacional reunindo jornalista de vários países que por meio desse jornalismo de dados que por meio das organizações essas informações

milhões e milhões de documentos com muitos nome como muitos e-mail de varias países com técnicas avançadas de banco de dados eles conseguiram sentenças e sentenças de reportagem no mundo todo comprometendo vários líderes mundiais inclusive com base nessas técnicas de investigação de dos. Para citar outro caso mais regional no Brasil no estado o Daniel Bramante uma reportagem que eu acho que é muito interessante onde pegou o mapa microrregiões que não são muito municípios é outra classificação que tem no IBGE ele pegou o numero de homicídios dessas regiões e jogou no mapa então ele viu que existia uma área que ninguém tinha visto no sul do para onde você tinha índices ele calculou a estava de homicídios onde tinha indices de homicídios que eram comparáveis às zonas de guerra na zona de conflitos e dai ninguém tinha observado isso a partir dessa tabulação de dados nossa isso dai é uma coisa muita complicado que será que está acontecendo aqui ele viajou para lá então ele descobriu uma situação que na grande imprensa ninguém sabia estava ocorrendo uma guerra de madeireiros no sul do Pará onde a própria policia tinha sido o delegado vivia escondido eles davam tiros em tudo quanto era lugar um matava o outro. Existia uma situação de institucionalização naquelas cidades que ele encontrou no mapa no sul do Pará por causa dessa guerra de madeireiros e isso foi descoberto quando ele resolve fazer o mapa e olhou os dados e falou nossa região está muito esquisita então você tem um exemplo clássico de como parte ir de uma análise de base dados você descobre uma informação que ninguém prestou atenção que ninguém estava vendo você vai pra lá e tem um trabalho de campo para tentar entender o que esta acontecendo e a partir dali você tem uma historia acho um exemplo integrante também.

P- Jornalismo de dados está ligado a Lei de acesso à informação?

T - A ABRAJI tem um papel importante no Brasil dentro da sociedade civil como um todo para pressionar pela aprovação de uma lei de cesso a informação é importante uma lei que garanta que a cidade tenha acesso os dado públicos para que não

fiquemos dependentes do governo da vez da boa vontade do governantes em abrir não esses dados para que a gente possa fazer a fiscalização quando você tem isso em lei eles são obrigados por lei a fazer isso, isso facilita embora você tenha uma série de problema de abertura de dados, mas isso facilita com que você tenha um padrão mais consistente de governos públicos esses dados e a partir disso, a partir da aprovação dessa lei de acesso à informação você começa a ter mais dados para os jornalistas usarem e investigarem e fazerem matérias a partir deles então é muito importante é essencial para que esse desenvolva o jornalismo de dados para que desenvolva essa lei de acesso à informação forte e que você tem os órgãos públicos obrigados a prestar informação à população em geral e também tem figura do pedido por lei da lei de acesso à informação que você faz e que os órgãos públicos tem o dever de responder qualquer cidadão que fez um pedido de informação por meio da lei de acesso à informação que embora não seja sempre eles deem as respostas que nós queremos, que nós perguntamos, também cria uma obrigação dos órgãos públicos facilita que a gente tenha mais material bruto para trabalhar quanto mais informação, quanto mais eles são obrigados a dar informações sobre o que está sendo feito na sociedade mais informações têm para usar as técnicas do jornalismo de dados para trazer mais informação para a população.

P- Em sua opinião qual a importância do jornalismo de dados na sociedade atual?

T - Na verdade é a mesma importância do jornalismo tem uma necessidade grande de que exista alguém da sociedade fiscalizando especialmente o que os poderes públicos fazem, não apenas os poderes públicos, mas também empresas privadas, mas isso tem uma importância muito grande para transparência porque os poderes públicos só podem servir bem a população, quando eles sabem que estão sendo constantemente fiscalizados, quando eles sabem quando alguém

constantemente em cima deles para ver se o que eles estão fazendo esta certa ou não. Quando você tem um jornalismo de dados fortalecido você tem a possibilidade de fiscalização aumentada porque quando você usa os dados consegue fazer uma fiscalização muito efetiva do poder, isso beneficia toda a sociedade porque os políticos em geral e as pessoa que trabalham em órgãos públicos se se tem pressionando-as a prestar conta melhor para sociedade porque tem alguém atento a isso que pode fiscaliza que pode investigar a sociedade em geral fica bem informadas e sabe melhor o que está acontecendo ate para tomar sua própria decisão em relação as escolha dos políticos e sai todo mundo ganhando com isso que você tem um jornalismo forte para que os governantes não façam da cabeça deles sem prestar contas a sociedade sem que a sociedade tenha um papel ativo na decisão do que deve ser feito ou não em suma resumindo o jornalismo em geral eu digo o jornalismo porque é todo tipo de jornalismo em particular o jornalismo de dados ele ajuda na democracia no sentido de que você permite que existam o controle melhor da população sobre o que os governantes sobre as empresas sobre os atore que exercem um tipo de poder na sociedade estão fazendo.

Apêndice 3 Entrevista com Mariana Atoji

Transcrição da entrevista 3

Nome: Marina Lemini Atoji

Profissão: Jornalista e gerente-executiva do Fórum de acesso à informação e da Abraji

P- De modo geral o que é a lei de acesso à informação

M- A lei de acesso é um manual para cumprimento a lei de acesso a informações publica a gente já tem esse direito garantido na constituição artigo quinto inciso 33 da constituição você já tem lá que todo cidadão tem direito a receber informações produzidas e custodiadas pelo estado, então o que a lei de acesso faz é dizer e estabelecer como é que esse direito vai ser exercido vai ser garantida , então ela vai dizer: o prazo que o poder publico tem para te dar informações, como você pede, como você vai pedir essa informação, para quem, quais informações têm que ser divulgadas sem precisar pedir, tem que ser divulgadas relativamente, o que pode ser sigiloso e o que não pode ser. Então você vai lendo a lei e vai vendo que é basicamente um manual de instruções para o direito de acesso a informações publicas.

P- Como surgiu essa Lei de acesso à informação?

M - A gente costuma puxar um pouco a sardinha para Abraji que em 2003 a Abraji realizou o primeiro grande debate sobre a necessidade de uma lei de acesso a informações publicas no Brasil e em 2013 a gente fez em Brasília o seminário internacional do direito ao acesso de informação publicas com jornalistas, especialista do exterior em direito de acesso a informações publicas e com autoridades publicas

grupos que a gente achava que precisava ser sensibilizado para que houvesse uma lei de acesso a informações públicas. O Fernando Rodrigues que era o diretor e presidente da ABRAJI e também pelo trabalho dele como correspondente ele notou que os estados unidos têm uma de acesso a informações publicas, uma lei especifica sobre o direito de acesso a informações publicas, na Europa havia leis nesse sentido e aqui no Brasil ainda não apesar de ter a garantia na constituição federal, ele via também como essa lei era útil principalmente nos estados unidos para jornalistas, para obterem informações de interesse publico que nem sempre eram divulgados pelas acessórias eles não conseguiam obter por meio regulares e como um pedido de acesso pode poderoso para ajudar um jornalista. Nisso foi sendo construída toda uma ação de nomes e advocacias para sensibilizar os poderes públicos e jornalista da importância de ter essa lei e aos poucos fomos trazendo para esses eventos debates sobre lei de acesso pessoas que seriam importantes para que uma lei passasse presidente da câmara dos deputados que na época era o Michael Temer, a Dilma Rousseff que então era a ministra da casa civil isso em 2009, a transparência Brasil também teve um papel importante porque como ela era membro do conselho de transparência que funciona na CGU começou a provocar o executivo federal dizendo “olha vocês são os mais indicados na CGU para produzir uma lei sobre isso que regulamente o acesso a informações publica” e disseram para eles “por que vocês não fazem isso”, e aos poucos foi fazendo esses movimentos, tanto construir uma lei boa porque se deixasse na mão do Poder Público podiam fazer uma lei ruim, tanto construir uma lei boa, tanto fazer com que ela fosse de fato aprovada.

P- Quais são as proibições segundo a lei de acesso a informação, tem alguma ou não?

M- A lei estabelece alguns sigilos tem documentos que de fato não podem ser divulgados, estabelece prazo de sigilo, têm tipo de documento que eles dizem ser

classificados de reservados eles só podem ser divulgados depois de cinco anos quando ele é produzido, tem documento secreto que só pode ser divulgado depois de 15 anos que ele foi produzido e um documento ultrassecreto como o próprio nome disse é ultra o grande sigilo só pode ser divulgada depois de 50 anos a partir da data que foi produzido esse prazo pode ser renovado por mais uma vez até cem anos tem essas restrições mais são casos muitos específicos, caso que coloque em risco a soberania nacional, o território nacional como eles dizem. Se eu disser que deixar público por ai a localização de todas as tropas e todos postos de fronteiras Brasileiras isso meio que vai prejudicar a soberania nacional, então isso tem ficar sobre sigilo durante um certo período de tempo ou outras coisas que envolvam a segurança nacional questões de economia tem uma lista bem especifica da lei para que esse sigilo seja aplicado. Também não é qualquer pessoa da administração pública que pode aplicar esse serviço por que senão isso vira bagunça. Tem algumas autoridades que podem colocar sobre sigilo e tem algumas restrições a dados pessoais, meu documento de identidade, por exemplo, só pode ser divulgado daqui a 100 anos ou depois da morte enfim, tem essas restrições. Tem restrições ao próprio estado, então o estado, não pode colocar sobre sigilo informações ou documentos que digam respeito à violação de direitos humanos cometidas por agente do estado, então dá e tira do sigilo documentos e informações, por exemplo, sobre torturas na ditadura militar ou operações da ditadura militar que caçavam opositores, mas também incluem questões atuais como tortura e grupos de extermínio de policiais, por exemplo, composto por policia porque são violações de direitos humano cometidas por agente do estado então são essas as restrições que existem. Agora todo mundo pode pedir a informação não importa a idade não importa cargo, não importa nada nem, todo mundo e não tem o mínimo de restrição nesse sentido.

P- Em sua opinião a lei de acesso contribui para um jornalismo de investigação? E como e realizados os pedidos para acessar informação?

M- Para o jornalismo investigativo é bastante amplo, só nas questões de obrigar órgãos públicos a divulgar certas informações de interessa geral, por exemplo, licitações, contratos, execução orçamentaria, os gastos, ou mesmo desde coisas mais simples até a lista de autoridade, de funcionário, de um lugar, os telefones e horário de atendimento, isso já serve pelo menos para saber para quem ligar e saber pra quem que horário ela vai estar e quem é responsável, em qual departamento para fazer uma checagem com alguma fonte, até coisas mais complicadas, até acompanhar o orçamento público, vê quanto esta sendo gasto em saúde, em educação e dentro disso ver quanto está sendo gasto com todas as coisas nessas áreas. Você consegue ver se existe algum caso engraçado em termos, mas um caso exótico de uma licitação, por exemplo, então você vê aquelas reportagens sobre licitação de caviar, de banquetes, de flores e tal que o poder público vai gastar não sei quantos mil com suprimentos alimentares meio chique assim e isso é uma coisa de ficar olhando e acompanhado a lista de licitações e de repente encontra umas coisas dessas e já te dá uma reportagem bem interessante. Ou caso, por exemplo, do Globo de 2016 ou 2015 que o repórter por algum motivo estava olhando a lista de licitações de contratos do TSE e ele identificou que eles tinham contratado uma empresa de limpeza para prestar serviços de comunicação para eleições aquilo ficou meio esquisito e fez uma reportagem, isso já é uma coisa interessante, e é rápido só bate o olho ali, às vezes pode demorar um pouco mais dependendo do site, mas já dá para achar alguma coisa ali. E tem a parte do pedido de acesso à informação mesmo, pedir uma informação que não está disponível ativamente e pede a informação, isso já te dá uma vantagem em relação o que era antes, quando você tinha só assessoria de imprensa e se quisesse uma informam em relação de um órgão publico e então assessoria podia te responder ou não, e se ela quisesse te responder com dado que fosse mais interessante para ela ou responder de uma forma mais torta, com certo tratamento com olhar diferente e com viés mais politico porque o trabalho deles.

Um pedido de acesso pela lei de acesso tem um potencial de te dá informações sem esse filtro, sem esse viés eventual que tem ser bom ou ruim, não você vai ter o dado a informação primaria, informação produzida pelo próprio órgão e próprio órgão que vai te dá a informação é um servidor que trabalha naquele próprio órgão que vai te da não precisa necessariamente de assessor de imprensa ai consegue ter informações mais detalhadas menos enviesadas e você mesmo consegue extrair informações dali sem ter que depender da resposta de alguém, e tem que ter uma resposta, a lei obriga que tem que ter uma resposta mesmo que seja um não, precisa ser fundamentado, “não eu não quero ou não porque não estou afim”, ou seja, é não porque não produz a informação ou porque é sigilosa se não tiver nenhuma dessas justificativa, não tem motivo para ele não te dá a informação que você pediu, tem essa garantia tem o prazo também que a assessoria necessariamente vai respeitar.

P - Cite um exemplo de algum caso que ocorreu do jornalista realizar pedido de acesso à informação para conseguir documentos?

M - Um exemplo de reportagem que foi feita com base num pedido de informação é uma reportagem do globo do Vinicius Sassine que trata da questão de transplante de órgão no país, ele fez pedido de acesso a informação ao governo federal sobre a quantidade de órgãos que foram transportado pela força área Brasileira para transplante e quantos dos pedidos tinham sido negados por vários motivos e nisso ele descobriu havia uma quantidade bastante grande de casos em que o transporte de órgãos para transplante foi negado pela força área Brasileira porque eles não tinham aeronave disponível para fazer o transporte, e eles não tinham aeronaves disponível porque eles estavam transportando políticos, o presidente da câmara, presidente do senado, esse povo gosta de viajar com avião da FAB, então saiu a reportagem e ele contextualizou, humanizou com casos de pessoas que dependiam de transplantes e no dia seguinte, saiu a reportagem o Temer que era o presidente interino, baixou um

decreto determinando que certo numero de aeronave da FAB tinham que ser reservadas para transporte de órgão para transplante, menos de um depois a reportagem fez um levantamento que o numero de transplante de órgão tinham aumentado no pais então você vê que é um caso que não a reportagem foi muito boa porque ganhou prêmios, mas também prestou um serviço público que em ultima analise é para isso que o jornalismo serve .

Sobre a lei de acesso em outros países

Nos estados unidos foi desde os anos 80, já é bastante comum, a lei de acesso lá é engraçado porque a lei deles é menos abrangente que a nossa, a lei deles é só para o executivo e federal e, por exemplo, não atinge a Casa Branca, nem o congresso. A lei deles é bem mais restrita que a nossa e mesmo assim os jornalistas lá consegue fazer muita coisa, tem as mesmas características dão furo eles, problema com agente público e assim por diante. As questões dos e-mails da Hilary, por exemplo, esse tratado foi iniciado a partir de um pedido de in formação descobriu-se que ela usava um e-mail que não era governamental, nem oficial porque fizeram um pedido de acesso a informação por um e-mail dela, tem essa diferença que lá já é regulamentado, já é pacifico que o acesso a e-mails de autoridades públicas tem que ser publico excerto em caso de fatos sigilosos e segurança nacional de modo geral serviços publico por isso eles não podem ser e-mail usados em uma conta pessoal tem que ser usadas em uma conta publica .GOV. Na Europa usam também bastante principalmente no Reino Unido que tem uma lei bastante forte, México tem usado bastante, mas o México tem uma característica que o cidadão já se apropriaram mais da lei do aqui por exemplo, aqui por exemplo no Brasil o uso da lei ainda é meio elitizado, ainda é jornalista, pesquisador, o cidadão não esta preocupado, eles estão preocupado em ganhar o 'pão de cada dia". Teve um caso bem recente aqui no Uruguai que o vice presidente teve que renunciar porque um jornalista fez um pedido de acesso a informações pelas viagens dele, pelo

uso dele de cartão corporativo, e descobriram que ele usava cartão corporativo para, por exemplo, viajar para o Caribe e ficou feio e ele teve que renunciar, jornalistas já fizeram algumas confusões com uso de lei de acesso, do Reino Unido quando a lei de acesso passou quem era o primeiro ministro era o Tony Blair ele escreveu uma biografia não tão recente assim , mas num dos trechos da biografias dele ele fala assim “o pior erro da minha vida foi ter passado o diabo dessa lei de acesso a informação porque só da problema o povo fica perguntando as coisa descobrem as coisas é só da problema”, isso quer dizer que estava funcionando o pessoal estava usando a lei de acesso para fiscalizar o poder publico, e provavelmente foi uma ironia espero.

